

# SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

VOLUME 5 - PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA - NÚMERO 2

## EDUCAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS:

### OS ANOS PRÉ-UNIVERSITÁRIOS



— JUNHO DE 2000 —

# EDITORIAL

A capacidade humana de aprender — e nossa determinação em fazê-lo —

impulsiona grande parte da nossa existência diária. É por esta razão que, em uma sociedade civilizada, a educação é uma das paixões e preocupações proeminentes. O conteúdo da nossa educação e até que ponto a utilizamos é para nós um marco como comunidade e como nação.

Os Estados Unidos possuem forte compromisso com a educação desde a era colonial. Com o passar dos anos, desde a sua fundação e expansão no século XIX, o sistema de escolas públicas livres tem sido o grande assimilador, abraçando geração após geração de novos imigrantes e oferecendo-lhes técnicas, conhecimento e, no processo, acesso e ascensão social. Na maior parte, esse sistema — e a tomada de decisões que o acompanha — vem sendo mantido e incrementado em nível local e estadual, de acordo com os princípios de governo descritos inicialmente na Constituição Norte-Americana há mais de 200 anos. Atribui-se quantidade considerável de esforços, comprometimento, imaginação e, é lógico, impetuosos debates aos cidadãos médios,

desde as zonas urbanas até os ambientes rurais, que festejam o processo democrático.

À medida que este novo século se apresenta, as questões sobre a forma de aprimorar ou evoluir a educação são importantes nas agendas nacionais, estaduais e locais, tanto no setor público como no privado. Os executivos, os meios de comunicação, pais e políticos, entre outros, analisam as questões que se apresentam. Atualmente, a escolha e a reforma com base nos padrões, a segurança nas escolas, os usos da tecnologia na educação, o serviço comunitário, a construção de caráter, a inclusão, recrutamento e treinamento de corpo docente para a próxima geração estão entre os temas que estão na mente da maior parte dos cidadãos norte-americanos.

Esta publicação apresenta um retrato do cenário atual da educação primária e secundária dos Estados Unidos e oferece recursos para a exploração adicional deste tema. Os assuntos explorados pelos diversos artigos, quando tomados em conjunto, refletem uma nação que valoriza a possibilidade de acesso ao seu sistema educacional e aos benefícios da sua essência, mesmo quando os cidadãos buscam formas imaginativas de solucionar desafios familiares e imprevistos. □

## **EDUCAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS: OS ANOS PRÉ-UNIVERSITÁRIOS**

# ÍNDICE

---

### **EM FOCO**

**6**

#### **INSTANTÂNEO DA EDUCAÇÃO ATUAL NOS ESTADOS UNIDOS**

RICHARD W. RILEY

O Secretário da Educação dos Estados Unidos apresenta uma síntese de conquistas recentes e desafios futuros na educação primária e secundária.

**11**

#### **NO CENTRO DA EDUCAÇÃO NORTE-AMERICANA, A PAIXÃO PELO APRENDIZADO**

MARGARET STIMMANN BRANSON

A preocupação contínua sobre a educação nos Estados Unidos tem origem nas paixões fundamentais dos norte-americanos pelo aprendizado. Neste artigo, a autora, especialista amplamente publicada sobre temas de educação, apresenta a questão do dia no seu contexto histórico e social.

**15**

#### **O PAPEL FEDERAL NA EDUCAÇÃO NORTE-AMERICANA**

Ao longo dos anos, desenvolveu-se um papel limitado mas crítico do governo norte-americano no sistema educacional descentralizado da nação. Este artigo explica o relacionamento compartilhado.

---

### **QUESTÕES**

**17**

#### **A DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO NORTE-AMERICANA**

ANNE C. LEWIS

Nos dias atuais, a sala de aula norte-americana possui mais diversidades que em qualquer época da história da nação. Este artigo, de um escritor sobre política educacional e colunista nacional da fraternidade "Phi Delta Kappan", explora como as escolas norte-americanas são verdadeiramente abrangentes, lidando com a diversidade étnica, religiosa e sexual, atendendo ainda às necessidades de crianças com diversos níveis de acompanhamento e daquelas com dificuldades físicas ou psicológicas.

---

23

## **A EDUCAÇÃO NORTE-AMERICANA: A QUESTÃO DA "ESCOLHA"**

RICK GREEN

Apesar da resistência das escolas públicas dos Estados Unidos de forma geral, surgiu um conceito emergente que é baseado em uma simples idéia: deixe que os pais decidam. Este artigo, do premiado repórter de educação do "Hartford (Connecticut) Courant", discute diversas facetas da "escolha" que, para os legislativos estaduais e conselhos escolares locais, tornou-se uma das mais importantes questões da educação na atualidade.

28

## **A SALA DE AULA NORTE-AMERICANA**

Artigos de Esther F. Schaeffer, Richard Dieffenbach e Deborah Hecht abordam, respectivamente, aprendizado de serviços, educação do caráter e segurança: três dos principais temas que envolvem o estudante norte-americano nos dias de hoje.

33

## **OS ESTUDANTES NORTE-AMERICANOS E A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA**

JOHN O'NEIL

Os computadores nas escolas norte-americanas são muito mais numerosos e poderosos hoje em dia que menos de uma década atrás. Neste artigo, um escritor especializado em aspectos da educação descreve como esta expansão de possibilidades tecnológicas vem tendo impacto sobre os estudantes.

---

### *PERSPECTIVAS*

37

## **NA LINHA DE FRENTE DA EDUCAÇÃO**

**Conversa com o Dr. Roy Settles**

MICHAEL J. BANDLER

Nesta entrevista, o diretor de uma escola elementar dos subúrbios de Washington, D. C., reflete sobre vários assuntos comuns da educação norte-americana atual, incluindo os diferentes corpos discente e docente, a amplitude da educação bilíngüe, o crescente papel dos pais e a segurança nas escolas.

41

## **A INOVAÇÃO E EVOLUÇÃO A CAMINHO**

SUZANNE DAWKINS

Os esforços em nível local e regional resultaram em novas opções criativas para os estudantes em termos de programas, escolas e políticas. Este artigo oferece breves exemplos desta atividade efervescente sendo travada em todo o território norte-americano.

---

# SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

---

Editor Chefe.....Judith S. Siegel  
Editor.....Craig B. Springer  
Editores Gerentes.....Michael J. Bandler  
.....Suzanne Dawkins  
Editores Associados, .....Mary Ann V. Gamble  
Referência/Pesquisa.....Kathy Spiegel  
Editores Colaboradores.....Rosalie Targonski  
.....Charles Goss  
Diretor de Arte/Projetista Gráfico.....Thaddeus A. Miksinski, Jr.  
Assistente Gráfico.....Sylvia Scott  
Editor de Internet.....Wayne Hall  
Revisão de Português.....Marilia Araujo

---

Corpo Editorial

Howard Cincotta     Judith S. Siegel     Leonardo Williams

O Escritório de Programas de Informação Internacional do Departamento de Estado dos Estados Unidos fornece produtos e serviços que expõem as políticas norte-americanas para audiências estrangeiras. O Escritório edita cinco publicações eletrônicas que examinam temas importantes enfrentados pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional. As publicações — *Perspectivas Econômicas*, *Assuntos Globais*, *Temas de Democracia*, *Agenda da Política Externa dos Estados Unidos* e *Sociedade e Valores dos Estados Unidos* — fornecem análises, comentários e informações básicas em suas áreas temáticas. Todas as edições das publicações aparecem em versões em idioma inglês, francês e português, com temas selecionados sendo também publicados em árabe, russo e espanhol. Uma nova edição em língua inglesa é publicada a cada três a seis semanas. As versões traduzidas normalmente seguem-se ao original em inglês após duas a quatro semanas. A ordem em que as edições temáticas são publicadas é irregular, já que algumas publicam mais edições do que outras. As opiniões expressas nas publicações não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo norte-americano. O Departamento de Estado dos Estados Unidos não assume nenhuma responsabilidade pelo conteúdo e pelo acesso contínuo de "sites" na Internet a ele relacionados; tal responsabilidade reside unicamente com os responsáveis por tais "sites". Os artigos podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, exceto quando contiverem restrições de direitos autorais. Edições atuais ou anteriores das publicações podem ser encontradas na Home Page Internacional do Escritório de Programas de Informação Internacional na World Wide Web, no endereço <http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm>. Elas são disponíveis em diversos formatos eletrônicos para facilitar sua leitura "on-line", transferência, descarregamento e impressão. Envie seus comentários à sua Embaixada local dos Estados Unidos — a/c Setor de Diplomacia Pública — ou aos escritórios editoriais:

Editor, *Sociedade e Valores dos Estados Unidos*  
Equipe de *Sociedade e Valores -- IIP/T/SV*  
Departamento de Estado dos Estados Unidos  
301 4th Street, S.W.  
Washington, D.C. 20547  
Estados Unidos da América

E-mail: [ejvalues@pd.state.gov](mailto:ejvalues@pd.state.gov)

---

# INSTANTÂNEO DA EDUCAÇÃO ATUAL NOS ESTADOS UNIDOS

RICHARD W. RILEY  
SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

Muitos de nós comemoram os feriados, aniversários e outras celebrações tirando fotografias que imortalizem um evento especial de forma que nossos olhos e nossas memórias não podem fazer. A abertura de um novo século é uma excelente ocasião para centralizarmos nossa atenção (e uma câmera metafórica) sobre o que somos hoje. Após dedicar minha carreira à educação, em nível local e nacional, gostaria de compartilhar com vocês um "instantâneo" da educação norte-americana, a partir da minha perspectiva, já passada a metade do ano 2000.

Estamos analisando um aspecto da sociedade norte-americana (a educação) que é mais aberto, diverso e abrangente que nunca antes em nossa história. A educação pública está mudando para melhor. Por outro lado, existe muito mais a ser feito para cumprir a promessa norte-americana de oportunidades iguais para todos e preencher as lacunas entre ricos e pobres, brancos e não-brancos. Dando continuidade à adaptação e melhoramento dos nossos sistemas de educação, os Estados Unidos podem tornar-se uma nação mais forte e continuar a trabalhar com as outras nações para trazer paz, prosperidade e educação aos cidadãos de todo o mundo.



## O QUADRO ATUAL

Começemos analisando os contornos do instantâneo: certas tendências e estatísticas. Na última primavera, o Departamento de Educação dos Estados Unidos emitiu um relatório, *The Condition of Education, 2000* [As Condições da Educação 2000] [no endereço <http://nces.ed.gov/pubsearch/pubsinfo.asp?pubid=2000062>]. Algumas das tendências apontadas evidenciam que nossas políticas e programas atuais estão no caminho certo. Outros indicadores ressaltam áreas que necessitam ser atendidas pelos educadores e pelos formadores de política para que a nossa nação possa continuar a crescer e a prosperar na Era da Informação.

O relatório concluiu que os benefícios do comparecimento à faculdade hoje são maiores do que nunca. Em 1970, o jovem médio norte-americano do sexo masculino com grau de bacharel tinha renda 24% mais alta do que um que possuísse apenas um diploma de segundo grau. Em 1998, o "bônus da faculdade" para os homens aumentou para 56%. Para as jovens mulheres norte-americanas, o "bônus da faculdade" subiu de 82% em 1970 para 100% em 1998. Isto significa que as jovens mulheres nos Estados Unidos que se formaram em faculdade ganharam duas vezes mais que suas parceiras que nunca estiveram na faculdade.

Além disso, mais estudantes estão indo diretamente do segundo grau para a faculdade. Somente entre 1992 e 1998, este percentual subiu de 62% para 66%. Mas os percentuais são menores para estudantes de famílias de baixa renda. Nossa pesquisa descobriu que o fornecimento de preparação acadêmica e encorajamento podem ajudar a preencher esta lacuna. Para conseguir entrar na faculdade, os estudantes necessitam cursar matemática e ciências rigorosamente no segundo grau e os cursos de acesso da escola secundária; ou seja, da sexta à oitava série. Estas descobertas oferecem fortes evidências para dois cursos de ação: proporcionar assistência financeira para os estudantes que cursam faculdade e auxiliar as crianças em desvantagens no início da adolescência a pensar e preparar-se para a faculdade.

Atualmente, muito mais estudantes nos Estados Unidos estão seguindo cursos rigorosos de matemática e ciências para prepará-los para a faculdade que nos anos anteriores. Em 1982, 11% dos graduados da escola secundária fizeram cursos como trigonometria, cálculo e cálculo elementar. Até 1998, 27% haviam completado esse tipo de curso avançado. No mesmo período, o percentual que seguiu cursos de ciências avançadas subiu de 31% para 60%.

Ainda assim, embora haja melhoramentos nos nossos cursos de ciências e matemática, muitos acreditam que os Estados Unidos tenham muito a aprender com outras nações nesta área. Os dados recolhidos para o Terceiro Estudo Internacional de Ciências e Matemática (TIMSS) demonstram que o conteúdo das lições de matemática da oitava série nos Estados Unidos eram provavelmente classificados como de qualidade inferior às lições similares no Japão e na Alemanha. Além disso, estatísticas demonstraram que havia mais "tarefas controladas por estudantes", o que reflete mais soluções independentes dos estudantes, nas classes de matemática da oitava série na Alemanha e no

Japão do que neste país, em que a grande maioria das lições era "controlada por tarefa" (demonstradas pelos professores e então repetidas pelos estudantes). Os educadores e formuladores de política nos Estados Unidos planejam utilizar os vídeos de salas de aula do TIMSS para auxiliar a aprimorar nosso ensino de ciências e matemática e, no processo, o aproveitamento dos estudantes.

As Condições da Educação 2000 também incluem pesquisas sobre os estudantes mais jovens. O relatório observa que 66% das crianças que entram no jardim da infância podem reconhecer letras do alfabeto. Isto significa que a maior parte delas está pronta para iniciar o processo de alfabetização, mas um terço não está. Podemos elevar este número oferecendo programas eficazes de pré-escola para mais crianças e encorajando os pais a lerem com seus filhos. Embora estejamos animados com os resultados, estamos também trabalhando para aumentar nossos esforços para apoiar e expandir o aprendizado no início da infância e o envolvimento dos pais.

A população estudantil nas nossas escolas públicas não está apenas crescendo, mas também se modificando. A entrada de hispânicos aumentou de 6% em 1972 para 15% em 1998. Com aumentos significativos do número de estudantes que não podem falar inglês em casa, o relatório sugere que necessitamos preparar-nos para auxiliar os estudantes com limitada proficiência do inglês a terem sucesso na escola.

#### *A EDUCAÇÃO NA ERA DA INFORMAÇÃO*

Atualmente, as viagens internacionais são comuns, a Internet permite que as tecnologias cruzem as fronteiras nacionais e mesmo as pequenas empresas estão importando e exportando. O sistema educacional dos Estados Unidos deverá refletir essas mudanças. Em resposta a esses desenvolvimentos e aos nossos esforços contínuos no fortalecimento das relações internacionais, o presidente Clinton lançou uma iniciativa histórica para fortalecer o compromisso da América na educação internacional (<http://www.pub.whitehouse.gov/urires/l2R?urn:pdi:/oma.eop.gov.us/2000/4/20/3.text.1>).

Trata-se da primeira iniciativa da espécie nos Estados Unidos em mais de 35 anos. Ela estabelece quatro objetivos principais: aumentar o número de



intercâmbios estudantis; expandir a tecnologia educacional e as oportunidades de aprendizado a distância; assegurar que todos os estudantes norte-americanos aprendam pelo menos um idioma estrangeiro e estudem culturas estrangeiras; e compartilhar informações sobre boas práticas de educação com outros países.

Em uma economia internacional, conhecimento (e o conhecimento de idiomas) é poder. Conhecer um segundo idioma é mais importante do que nunca. Acredito que os cidadãos que falem inglês e um outro idioma serão grande fonte de recursos para a nossa nação nos próximos anos. Com este propósito, estou encorajando as escolas nos Estados Unidos a adotarem a abordagem de dois idiomas, que também denominamos às vezes "inglês mais um". Esta abordagem desafia os jovens a atingirem padrões acadêmicos em dois idiomas.

Nos últimos cem anos, a educação norte-americana foi definida por certas crenças que agora estão desatualizadas, como o ensino sendo visto como responsabilidade de nove meses por ano, mantido principalmente por mulheres que recebem salários comparativamente baixos. Precisamos contratar mais de dois milhões de novos professores na próxima década. Isso exigirá uma revisão drástica da forma como recrutamos, preparamos, empossamos e mantemos bons professores. O governo Clinton propôs um investimento de um bilhão de dólares para apoiar esforços para aprimorar a qualidade dos nossos professores. Além disso, propus que os distritos escolares comecem a mover-se para tornar o magistério uma profissão para todo o ano durante os próximos cinco anos e pagar os professores proporcionalmente ao compromisso de tempo adicional.

#### *AUMENTO DAS EXPECTATIVAS E DO DESEMPENHO DOS ESTUDANTES*

No centro de todos esses esforços para elevar o aproveitamento dos estudantes e aprimorar as escolas, há um esforço sem precedentes na última década para auxiliar os Estados a estabelecerem novos e altos padrões para todas as nossas crianças. Acreditamos que uma educação de qualidade para todas as crianças seja um "novo direito civil" para o século XXI. Nossos esforços para elevar os padrões para todos os estudantes são um passo importante rumo à garantia desse novo direito civil. Mas o estabelecimento de novas expectativas e o atingimento de altos padrões deve ser conseguido de forma apropriada. Eu convoquei uma revisão do movimento de padrões. Exames com altos prêmios, incluindo exames de aprovação da escola secundária, são parte do estabelecimento de altos padrões. Ao mesmo tempo, estudantes e professores necessitam de tempo de preparação e recursos para serem bem sucedidos. Além disso, os estudantes devem ter diversas oportunidades de demonstrar competência. Os educadores devem estabelecer mais de uma avaliação para a tomada de uma decisão final.

Para dar aos estudantes e professores todas as oportunidades de serem bem sucedidos, o presidente Clinton e o vice-presidente Gore propuseram o maior aumento do orçamento educacional da história dos Estados Unidos. Estamos trabalhando para criar alternativas e oferecer ajuda intensiva aos estudantes que estão lutando para serem aprovados nos exames de altos prêmios.

As dificuldades dos estudantes começam freqüentemente antes de entrarem na escola ou fazerem seu primeiro exame em sala de aula. Como resultado, centralizamos novo foco na educação da primeira infância e na alfabetização precoce. Se



todos os pais lessem para as suas crianças 30 minutos por dia, poderíamos revolucionar a educação nos Estados Unidos. Muitos pais nos Estados Unidos têm empregos em tempo integral, durante o qual não podem cuidar dos seus filhos. Estamos trabalhando para oferecer ambientes seguros de aprendizado para crianças jovens demais para iniciar as escolas formais.

As crianças em idade escolar também se beneficiam dos programas pós-escola. O fato é que as mentes das crianças não se desligam às três horas da tarde. Nem as suas escolas devem fazê-lo. Para combater isso, aumentamos os investimentos nos programas de enriquecimento pós-escolar que oferecem ambientes seguros para atividades construtivas. As estatísticas demonstram que as crianças que comparecem regularmente obtêm melhores notas, progredem em matemática e na leitura, têm melhor comportamento na sala de aula, passam menos tempo vendo televisão e têm melhor relacionamento com seus colegas. Elas também não ficam nas ruas nem em "shoppings" entre as duas horas da tarde e as oito da noite, quando as estatísticas indicam que ocorre o pico do crime juvenil.

A segurança estudantil é um aspecto importante da educação, pois as crianças podem aprender mais quando se sentem seguras e protegidas. De forma geral, nossas escolas são seguras (mais seguras que muitos outros ambientes em que se encontram crianças). Embora os estudantes passem até oito horas por dia na escola, menos de um por cento dos homicídios entre crianças de idade escolar ocorre nas escolas, em volta delas ou no caminho de e para a escola. E, em 1997, 90% das escolas relataram que não houve crimes sérios. Acredito que podemos manter as crianças seguras, oferecendo a elas um forte senso de conexão que pode ser fomentado nas escolas. Para tanto, as escolas podem estabelecer programas para auxiliar as crianças a resolverem conflitos e a descobrirem a diferença entre o certo e o errado. Políticas de disciplina equitativa, escolas menores e salas de aula menores muitas vezes ajudam a construir ligações mais fortes nas escolas.

Um dos recursos que não é distribuído igualmente em nossas escolas é a tecnologia. Chamamos esta lacuna de "divisor digital". A tecnologia é uma parte importante da forma como vivemos e trabalhamos. A

educação, incluindo o treinamento de tecnologia, pode erguer as pessoas da pobreza e ajudá-las a superar as adversidades. Com este propósito, estamos trabalhando para oferecer a todas as escolas a tecnologia de que os estudantes necessitarão para ter sucesso neste país. Nosso programa de avaliação eletrônica, que concede às escolas descontos de até 90% para acesso à Internet, auxiliou-nos a conectar 95% das escolas da nação à Internet.

Os computadores e o acesso à Internet são fatores importantes para auxiliar os estudantes a aprenderem a utilizar a tecnologia, mas são de pouco valor se os professores não souberem como usar a tecnologia de forma eficaz. O Departamento de Educação dos Estados Unidos estabeleceu diversos programas para lidar com esta questão. O Fundo de Desenvolvimento da Alfabetização Tecnológica financia programas de desenvolvimento profissional para que os professores possam aprender a utilizar a tecnologia de forma eficiente na sala de aula. Outra iniciativa, a Preparação dos Professores de Amanhã para Usar a Tecnologia, oferece doações para as faculdades, a fim de ajudar a assegurar que os estudantes que estão se preparando para tornar-se professores possam aprender novos estilos de ensino e aprendizado possibilitados pela tecnologia.



#### ***POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA O FUTURO***

Em todo o território norte-americano, em cada nível de atividade, as políticas educacionais são temas de discussão e debate entre os nossos cidadãos. Acreditamos que as políticas educacionais da nação devam modificar-se para refletir a importância cada vez maior da educação, a universalidade da tecnologia e as mudanças dos estudantes matriculados. Uma rápida visão do futuro sugere que as escolas licenciadas irão tornar-se mais predominantes nos Estados Unidos. Embora utilizem-se de fundos públicos, as escolas licenciadas operam com maior liberdade e flexibilidade que as escolas

---

públicas típicas. O Governo Clinton apoiou e continua a apoiar as escolas licenciadas e outras inovações que oferecem aos pais mais escolhas nas escolas públicas.

Prevejo que as nossas escolas estarão abertas para estudantes e adultos por mais tempo, proporcionando acesso a computadores para famílias que não podem pagar por seus próprios computadores pessoais e classes para adultos que estão buscando melhorar suas carreiras. A educação pública dependerá menos de um local e programação fixos e muito mais do aprendizado a qualquer momento e em qualquer lugar. A tecnologia (o aprendizado eletrônico) modificará todos os aspectos da educação norte-americana.

*EM RESUMO*

Obviamente, a tomada de decisões inteligentes hoje sobre as nossas políticas educacionais nos auxiliará a construir um futuro animador. Se os nossos parceiros (formadores de política em outras nações) estabelecerem políticas com base em pesquisa que reflitam os avanços tecnológicos e encorajem todos os estudantes a fazerem o seu melhor, estaremos dando aos nossos filhos e netos em todo o mundo um legado extremamente precioso. □

---

# NO CENTRO DA EDUCAÇÃO NORTE-AMERICANA A PAIXÃO PELO APRENDIZADO

---

MARGARET STIMMANN BRANSON

**D**e todas as questões politicamente salientes nos dias de hoje nos Estados Unidos, nenhuma é mais significativa para os norte-americanos que a educação. As pesquisas de opinião pública confirmam repetidamente que os cidadãos estão mais preocupados com a educação que com qualquer outra questão, incluindo a economia, emprego, criminalidade e assuntos internacionais. Outros dados confirmam essas pesquisas e atestam a prioridade da educação.

Nos últimos onze anos, três "cúpulas" norte-americanas enfrentaram questões educacionais. Alguns meses após tornar-se presidente em 1989, George Bush reuniu os 50 governadores da nação (incluindo Bill Clinton, de Arkansas), para discutirem a necessidade de aprimoramento da qualidade da educação primária e secundária para todas as crianças. Os chefes dos executivos estaduais chegaram a um consenso sobre objetivos nacionais e a necessidade de padrões de desempenho. Em 1994, o Congresso norte-americano moldou aquela declaração de propósitos nos Objetivos 2000: Lei da Educação da América. A reunião mais recente, que incluiu líderes empresariais norte-americanos, bem como os governadores, reafirmou o compromisso



com a educação pública, determinou o progresso rumo ao atingimento dos objetivos nacionais e recomendou as correções de rota consideradas necessárias.

O interesse nacional intensificado na educação estimulou os candidatos para cargos nacionais, estaduais e locais (bem como os próprios partidos políticos principais) a apresentarem suas idéias, prometerem buscar aprimoramento contínuo da educação e comprometerem-se com programas que atenderão às necessidades, em todo o território norte-americano, não apenas de mais professores, mas de professores totalmente qualificados. Além disso, os políticos prometeram dedicar atenção especial para reduzir a distância de aproveitamento entre os estudantes com mais e menos possibilidades.

Essa preocupação contínua com a educação nos Estados Unidos está enraizada na paixão fundamental dos norte-americanos pelo aprendizado. Trata-se, de fato, do capítulo mais recente de uma saga nacional que remonta aos tempos coloniais, mas que ganhou grande significado há pouco mais de meio século, quando a Corte Suprema dos

Estados Unidos emitiu a sua histórica decisão *Brown x Comissão de Educação*, pondo fim à segregação na educação pública. Desde aquela decisão, a Corte e os tribunais inferiores em todo o sistema judiciário foram envolvidos em um número sempre crescente de ações relativas à educação. É uma indicação da intensidade da questão.

A era atual, no amanhecer de um novo século, é marcada pelo fascínio nacional pela busca e experimentação de alternativas às formas tradicionais de ensino. A "saída da escola", escola no lar e movimentos escolares alternativos têm seus defensores. Existem os que propõem escolas públicas e privadas e planos de "escolha" ou credencial. Os grupos de interesse disputam entre si à medida que tentam persuadir os organismos tomadores de decisões a considerar a necessidades especiais de certos estudantes, como os portadores de deficiências, os que têm o inglês como segundo idioma, os que são dotados e talentosos ou os que estão envoltos na pobreza.

Embora seja verdade que esta é uma época de efervescência na educação, é importante lembrar que nem o interesse público na educação, nem o desejo de estender e aprimorar o ensino, são fenômenos recentes nos Estados Unidos. Mesmo uma análise superficial da história confirma o fato de que a educação tem sido não apenas uma preocupação central dos norte-americanos, mesmo antes da fundação da República; é também uma fonte contínua de controvérsia. Além disso, as questões filosóficas básicas sobre as quais os norte-americanos discutiram no passado retrata semelhança com aquelas discutidas pelos norte-americanos atualmente.

Não é difícil encontrar evidências da preocupação contínua dos norte-americanos com a educação. Elas podem ser encontradas nas Ordenações do Noroeste de 1785 e 1787, aprovadas pelo Congresso com base nos Artigos da Confederação. A primeira delas tornou possível a venda de terras públicas, desde que o décimo-sexto lote em cada municipalidade fosse reservado para propósitos educacionais. A segunda criou um plano

de administração declarando que "... sendo a religião, a moralidade e o conhecimento necessários para o bom governo e a felicidade da humanidade, deve-se sempre encorajar as escolas e os meios de educação".

Essas ordenações permaneceram a base do apoio educacional federal futuro, que veio em uma sucessão de leis promulgadas pelo congresso norte-americano, ainda em vigor nos dias de hoje. Uma lei precoce e significativa foi a Lei Morrill de Concessão de Terras de 1862, assinado entusiasticamente pelo presidente Abraham Lincoln. Ele permitiu aos Estados atenderem a necessidade de educação prática através do estabelecimento de faculdades para a agricultura, artes mecânicas e ciências militares. Um sem número de leis subseqüentes estendeu os benefícios da educação àqueles que, devido à pobreza, raça, sexo, deficiências ou outras condições, eram excluídos. Destacam-se entre essas leis o "Bill of Rights" G. I. para veteranos militares, a Lei da Educação Elementar e Secundária, a Lei do Início Produtivo, a Lei da Educação Bilingüe e a Lei da Educação para Todas as Crianças Deficientes (o nome foi modificado em 1990 para Lei da Educação dos Indivíduos Portadores de Deficiências).

A partir do início da República, os presidentes dos Estados Unidos também expressaram seu comprometimento com a educação, utilizando-se do que Theodore Roosevelt apropriadamente denominou seu "púlpito jovial". A educação foi uma prioridade para os primeiros chefes do Executivo. George Washington abordou especificamente o tema tanto no seu discurso inaugural como na sua mensagem final para o Congresso. Ele estimulou o estabelecimento de uma universidade nacional, um sonho que ele não pôde concretizar. Thomas Jefferson, o terceiro presidente da nação, foi um ardente defensor da educação antes mesmo de assumir o posto mais alto do país. Ele propôs uma lei para o estabelecimento de escolas públicas no seu Estado natal de Virgínia, sustentando que "uma emenda da nossa constituição deve vir em ajuda da educação pública.

A influência de governo deve ser compartilhada por todo o povo." E, mais recentemente, Lyndon Johnson (que, muito antes dos seus anos na Casa Branca, na década de 1960, deu aulas em um setor

rural empobrecido do Texas) defendeu firmemente a atenção a questões educacionais.

Não seria certo, entretanto, concluir que todas as iniciativas em nome da educação emanaram do governo federal. A educação nos Estados Unidos é principalmente uma função dos Estados, que é delegada em grande parte aos mais de 15.000 distritos escolares locais. Neles, os membros dos conselhos escolares, superintendentes, organizações profissionais de educadores, comitês de cidadãos e os próprios estudantes podem reivindicar seu crédito pela extensão e aprimoramento de oportunidades educacionais.

O fato dos norte-americanos terem compartilhado por muito tempo a crença da importância da educação e exibido a determinação de estender e aprimorar as oportunidades educacionais não significa que eles sejam ou tenham sido unânimes sobre o assunto. Ao longo da história da nação, eles se ocuparam em debates, muitas vezes inflamados, sobre questões fundamentais como estas:

- ☞ O que constitui uma "boa" educação?
- ☞ Qual deverá ser o conteúdo do ensino?
- ☞ Como deverá ser distribuída a educação?
- ☞ Como deverá ser distribuída a autoridade educacional?
- ☞ Quem deve cobrir o orçamento dos custos da educação?
- ☞ Quanto dos nossos recursos deve ser dedicado à educação?
- ☞ Quem é responsável pela quantidade e pela qualidade do aprendizado dos estudantes?
- ☞ Como devem ser determinados os resultados do ensino e quais devem ser as conseqüências dessa determinação?

Estas questões e seus corolários ainda necessitam ser resolvidos para a satisfação de todos e duvida-se que algum dia o serão. R. Freeman Butts, notável acadêmico da Universidade de Colúmbia e autor de numerosos livros sobre educação, oferece uma explicação digna de crédito para a extensão desse debate nacional, muitas vezes

ardente. As tensões e desacordos, ele sugere, surgem da interação de três temas duradouros na vida norte-americana:

1. As reivindicações do valor de coesão da comunidade política democrática e da ordem constitucional de longa duração. Esses valores de coesão incluem a liberdade, a igualdade, o consenso popular e a obrigação pessoal para o bem público. Valores de coesão mais tradicionais ou conservadores também abraçam o individualismo, a livre empresa e a dedicação ao "estilo de vida norte-americano".

2. As reivindicações do valor de diferenciação do pluralismo, que dão identidade aos grupos ou segmentos diversos na sociedade norte-americana. Essas reivindicações podem ser feitas com base na religião, raça, etnia, sexo, idioma, circunstâncias econômicas, privação anterior de direitos ou outros fatores de distinção.

3. O direcionamento mundial rumo à modernização e à globalização que continua a efetuar profundas mudanças nas sociedades em todo o mundo. Dentre essas mudanças, encontram-se a industrialização, a urbanização, a centralização de poder do Estado nacional e a secularização do conhecimento.

Os que argumentam que a educação deva promover as reivindicações do valor de coesão sustentam que a escolaridade deverá servir um papel cívico básico. O objetivo principal da educação elementar e secundária deve ser o de gerar cidadãos informados, eficazes e responsáveis. Os que acreditam que a educação deva servir reivindicações de diferenciação insistem que os seus valores sejam honrados e que suas necessidades específicas sejam atendidas. Não sem freqüência, eles buscam distanciar-se dos valores de coesão para formar suas próprias escolas como base para a construção da sua própria forma de comunidade. Os mais preocupados com a modernização e a globalização enfatizam a necessidade de preparar estudantes para o mundo interdependente, tecnológico e urbanizado em que passarão suas vidas. Eles muitas vezes instam a dar-se mais atenção à "cidadania mundial" ou aos laços que nos unem a toda a humanidade, ao invés dos que julgam mais paroquianos.

O "cabo de guerra" entre essas reivindicações contraditórias de uma política democrática,

---

pluralismos segmentários e modernidade tecnológica inexorável e globalização é facilmente aparente hoje em dia. Ele pode ser visto e ouvido em todos os lugares, desde as deliberações de comitês escolares e debates em nossos legislativos, até conversas privadas entre pais e cidadãos conscientizados.

Afinal, a disputa, o debate e a deliberação formam a essência de uma sociedade democrática. □

---

*Margaret Stimmann Branson é diretora associada do Centro de Educação Cívica em Calabasas, Califórnia, renomada acadêmica e consultora de educação cívica e autora de numerosos livros e artigos profissionais. Ela foi diretora editorial e importante pesquisadora e escritora dos Padrões Nacionais de Civismo e Governo, e trabalha no Painel Nacional de Especialistas da Associação Internacional de Educação sobre Educação Cívica Norte-Americana e na Estrutura Internacional da Educação do Comitê de Desenvolvimento da Democracia.*

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

# O PAPEL FEDERAL NA EDUCAÇÃO NORTE-AMERICANA

**A** décima emenda da Constituição dos Estados Unidos articula o princípio de que "os poderes não delegados aos Estados Unidos pela Constituição, nem por ela proibidos aos Estados, são respectivamente reservados aos Estados ou ao povo".

Como resultado dessa base legal fundamental, o governo dos Estados Unidos é bastante descentralizado quando comparado com o da maior parte das demais nações. O sistema norte-americano é baseado na filosofia de que o governo deve ser limitado e o controle de diversas funções públicas, tais como o ensino, deve permanecer principalmente com os Estados e as comunidades locais.

Ao longo dos anos, evoluiu um papel federal (do governo norte-americano) limitado mas fundamental nesse sistema descentralizado. As sementes desse papel podem ser encontradas nos escritos dos fundadores da Nação, que compreendiam que a educação era essencial para a construção de uma democracia forte e unificada. De forma geral, o governo federal entrou no campo da educação nas ocasiões em que um interesse nacional vital não estivesse sendo atendido pelos Estados ou pelas localidades, ou quando era necessária a liderança nacional para abordar um problema nacional. Os tribunais freqüentemente têm

sustentado o papel federal na educação com base na cláusula constitucional (Artigo I, Seção 8), que dá ao Congresso norte-americano o poder de proporcionar "o bem-estar geral" da nação, com a 14ª Emenda assegurando aos cidadãos o devido processo da lei e outros fundamentos legais.

O governo federal sempre foi um parceiro subordinado aos Estados e às localidades em termos do total de financiamento à educação que vem diretamente do seu nível de governo. A parcela federal da receita total para a educação escolar elementar e secundária atingiu em seu ápice no final dos anos 1970 menos de 10% e hoje é menos de 7% dos gastos totais. Os Estados e os distritos escolares locais mantiveram o controle sobre o conteúdo do currículo e os métodos de instrução; de fato, a lei federal proíbe a interferência do governo norte-americano nessas áreas.

---

Ainda assim, o governo federal influenciou a educação a um grau que vai muito além da pequena parcela de financiamento fornecida. Nos últimos anos, para alcançar maior impacto, dólares federais vêm sendo fortemente concentrados sobre certas prioridades, tais como a educação de crianças de ambientes de renda mais baixa, ao invés de apoio geral à escola. Os presidentes e outros líderes nacionais vêm usando a notoriedade de seus cargos para chamar a atenção para os problemas e reunir o povo em torno de um objetivo nacional. Quando os direitos dos indivíduos encontraram-se em perigo, o governo federal exigiu que os Estados e localidades tomassem certas ações corretivas.

Existem quatro razões principais para o governo federal haver-se envolvido na educação:

- ☞ Promover a democracia.
- ☞ Assegurar a eqüidade das oportunidades educacionais.
- ☞ Aumentar a produtividade nacional.
- ☞ Fortalecer a defesa nacional.

---

*Resumido mediante permissão de "A Brief History of the Federal Role in Education: Why It Began and Why It's Still Needed" (Breve Histórico do Papel Federal na Educação: Por quê Começou e Por quê Ainda é Necessário), do Centro de Política Educacional, Washington, D. C. □*



# A DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO NORTE-AMERICANA

ANNE C. LEWIS

**N**o rastro da tumultuada chegada de milhões de imigrantes aos Estados Unidos por volta da virada do século passado, entre 1890 e 1920, as crianças fluíram para o sistema de ensino público. Unindo-se às já chegadas, elas enfrentaram uma escolha entre "matar ou morrer" e, com determinação, a maior parte delas avançou.

Nas últimas décadas, especialmente de cerca de 15 anos para cá, a imigração norte-americana trouxe aos portos da nação incontáveis recém-chegados, representando países, idiomas, tradições e religiões que aqui eram sub-representados no passado. Ao mesmo tempo, as escolas continuaram a reconhecer a necessidade de programação abrangente, não apenas para os imigrantes, mas também para os que possuem necessidades especiais, incluindo as crianças com deficiências de uma ou outra espécie e os mais jovens com diversos níveis de aproveitamento educacional.

Como resultado, a sala de aula norte-americana, nas escolas primárias e secundárias, é mais diversa que em qualquer época da história da nação, com mais questões que necessitam ser exploradas, mais desafios que precisam ser atendidos e mais atenção que necessita ser prestada.

O fornecimento de educação sólida para todos não é um propósito facilmente alcançado. A controvérsia sobre questões de uma ou outra espécie, a defesa dos pais, a tomada de decisões pelo governo dos Estados Unidos e pelos Estados e o uso do sistema judiciário para fazer valer os direitos desempenharam

papel na marcha rumo a um sistema universal de educação. A mensagem importante, entretanto, é que o objetivo permanece forte e é central para as mudanças que estão tendo lugar na educação norte-americana, desde o jardim da infância até a décima-segunda série, tradicionalmente o término da escola secundária.

Uma das eminentes pesquisadoras norte-americanas neste campo, Linda Darling-Hammond, da Universidade de Stanford, resumiu o desafio no seu livro de 1997, "The Right to Learn" (O Direito de Aprender):

*"Se o desafio do século XX vinha criando um sistema escolar que pudesse proporcionar educação mínima e socialização básica para grande número de cidadãos até então fora do sistema educacional, o desafio do século XXI está criando escolas que assegurem, para todos os estudantes em todas as comunidades, o genuíno direito de aprendizado. O atendimento deste novo desafio não é uma tarefa com incremento. Ela requer uma empreitada fundamentalmente diferente."*

## UM POUCO DE HISTÓRIA

Para entender a evolução da diversidade no sistema escolar do jardim da infância à 12ª. série, é necessária uma breve introdução de como são governadas as escolas. Os primeiros colonizadores ensinaram suas crianças em casas ou reuniram

fundos para contratar um professor para diversas famílias. À medida que cada vez mais colonizadores se mudavam para o oeste, o governo dos Estados Unidos exigiu que as novas comunidades estabelecessem escolas e reservassem pedaços de terra com este propósito. Como retorno pelo pagamento de impostos para educar os filhos de outras pessoas, prometia-se aos cidadãos o controle local das suas escolas. Assim, até hoje, o que acontece nas escolas e para as crianças depende muito das decisões locais. Esta independência é até certo ponto compensada por decisões judiciais e leis norte-americanas que afetam todas as escolas, bem como a crescente influência dos governos estaduais. Contudo, cada comunidade decide basicamente como as suas escolas abordarão a diversidade em suas escolas.

Isso pode explicar por quê uma escola em um dos Estados da Nova Inglaterra pode ter poucos estudantes recebendo educação especial, enquanto outra em Utah pode ter frequência à educação especial muito acima da média nacional. Uma escola em Connecticut pode incluir um quarto ou mais dos seus alunos em programas para dotados e talentosos, enquanto uma escola do Colorado pode estar mais próxima da média nacional de 3 a 5%. A Califórnia pode limitar programas bilíngües, como o fez em recente legislação, mas o Texas e a Flórida, também vigorosamente afetados pela presença de crianças de minorias lingüísticas, podem favorecer fortemente a educação bilíngüe. O local em que uma criança vive nos Estados Unidos determina em grande parte quais políticas governarão como a escola lida com a diversidade.

Em dada época, os recursos freqüentemente iam para a educação de uma população em sua maioria branca e de classe superior. Nos Estados do sul, por exemplo, em sua maior parte, negava-se a educação aos escravos afro-americanos. Mesmo depois que a Guerra Civil norte-americana pôs fim à escravidão nos anos 1860, as escolas públicas estabelecidas para crianças afro-americanas eram separadas e mal apoiadas. Em meados do século XIX, ondas de imigrantes, principalmente da Europa ocidental, começaram a preencher as escolas nas cidades ou mover-se para comunidades de fazendeiros do centro-oeste, como os alemães em Wisconsin ou os escandinavos em Minnesota.

Na virada do século, as crianças imigrantes definiram os sistemas de escolas urbanas no nordeste e no centro-oeste. Um estudo de 1908 em Nova Iorque, por exemplo, concluiu que 71% dos estudantes tinham pais nascidos no estrangeiro. Perto de um século mais tarde, a grande diversidade novamente caracteriza os sistemas escolares urbanos. Apenas desta vez, os estudantes vêm de todas as partes do mundo, unindo-se a uma grande migração de famílias afro-americanas do sul que havia se iniciado durante a Segunda Guerra Mundial.

#### A DEMOGRAFIA ÉTNICA DOS ESTUDANTES

A nova diversidade lingüística das escolas norte-americanas contrasta significativamente com a dos fluxos anteriores de entrada de imigrantes. Ele é extenso. Como exemplo, o condado de Montgomery, em Maryland, e Arlington, em Virgínia, ambos na área metropolitana de Washington D. C., recebem estudantes cujas famílias falam mais de três dúzias de idiomas. Em Long Beach, na Califórnia, anteriormente conhecido como paraíso para as pessoas que se mudavam do centro-oeste norte-americano, mais de um terço do total de estudantes matriculados nas escolas públicas do jardim da infância à 12<sup>a</sup>. série é atualmente do sudeste asiático. Além disso, os laços com o "velho país" são mais fáceis de serem mantidos. O transporte e as comunicações modernas permitem às famílias de imigrantes manter contatos e, assim, seus idiomas e cultura. Em uma escola intermediária de Long Beach, famílias cambojanas ajudaram a estabelecer aulas diárias em khmer para as suas crianças.

A imigração recente é responsável pela maior parte da diversidade das escolas norte-americanas. Ainda assim, as escolas teriam diversidade mesmo sem ela. Cerca de 17% de estudantes do jardim da infância à 12<sup>a</sup>. série são afro-americanos e cerca de 1% são nativos americanos. As famílias de muitos dos relacionados como hispânicos ou latinos podem traçar sua herança aos ancestrais que viviam nas regiões que se tornaram o sudoeste norte-americano. Dentre os diversos subgrupos da população escolar hispânica, o percentual mais alto dos estudantes nativos é de antecedentes mexicanos. Outros grandes subgrupos incluem os portorriquenhos e cubano-americanos, cuja migração começou antes das famílias centro-americanas. Conjuntamente, os

hispanicos tornar-se-ão o maior grupo minoritário nas escolas públicas norte-americanas até o ano 2005.

Em dada época, o propósito das escolas foi de fomentar o "cadinho de fusão", uma política que minimizava os antecedentes culturais do indivíduo em favor da assimilação. Atualmente, as escolas ainda ressaltam a alfabetização em inglês, mas elas também se concentram na compreensão de diferentes culturas. Os livros de textos e outros recursos de sala de aula tentam proporcionar ampla exposição a diversas culturas e muitos esforços de recrutamento de professores visam à construção de diversidade muito maior entre a força de ensino.

Os programas federais e de alguns Estados fornecem financiamento para a educação bilíngüe. Esta estratégia (de aprendizado de alguns temas acadêmicos no idioma nativo ao mesmo tempo em que se estuda inglês) foi utilizada nos primeiros anos do século passado para manter os estudantes de fala alemã das cidades do centro-oeste norte-americano nas escolas públicas. O temor dos estrangeiros após a Primeira Guerra Mundial levou a uma reação negativa contra os programas bilíngües. Uma decisão da Corte Suprema dos Estados Unidos na década de 1970 garantiu aos estudantes de minoria lingüística uma educação apropriada, apoiando assim o retorno de programas bilíngües ou similares. A preocupação com o aumento repentino da imigração na Califórnia, entretanto, contribuiu para a aprovação por voto de um referendo que limita severamente as aulas bilíngües naquele Estado, dando preferência a uma transição rápida para aulas somente em inglês como abordagem de cumprimento das normas da Suprema Corte. Por outro lado, o secretário da Educação dos Estados Unidos, Richard Riley, recentemente endossou programas de imersão bilíngüe para auxiliar os estudantes de minorias lingüísticas a manter a fluência no seu idioma natal, aprendendo inglês e dar aos estudantes de fala inglesa uma oportunidade completa de aprender outro idioma.

O impacto da diversidade racial e étnica nas

escolas varia de Estado para Estado. Cinco Estados (Califórnia, Texas, Flórida, Nova Iorque e Illinois) estão experimentando maior crescimento de matrículas de minorias lingüísticas. A diversidade das matrículas também tende a concentrar-se nas escolas nos centros das cidades (quase todos os grandes distritos urbanos agora possuem mais estudantes de minorias que estudantes brancos). Ainda assim, mesmo as escolas rurais em Estados como o Alabama ou Kansas podem encontrar número crescente de famílias de minorias lingüísticas nas suas escolas, atraídos para as comunidades por indústrias de baixa qualificação.

O que também é diferente e mais significativo sobre a diversidade racial/étnica em escolas norte-americanas é a forma de reação dessas instituições. No passado, as autoridades escolares normalmente esperavam que o aproveitamento dos estudantes das minorias fosse mais baixo que o dos estudantes brancos, o que resultava em grandes percentuais de estudantes de minorias étnicas e raciais sendo colocados em programas vocacionais e/ou de recuperação. Eles saíam da escola antes de obter um diploma secundário em percentuais muito mais altos que os estudantes brancos.

As reformas educacionais que se iniciaram há mais de uma década concentram-se em padrões mais altos para todos os estudantes. As reformas apresentam um desafio especial para escolas de baixo desempenho, que recebem em sua maioria crianças de baixa renda e/ou de minorias. "Estreitar a lacuna" do aproveitamento tornou-se prioridade para essas escolas e existem algumas evidências de progresso. A taxa de graduação de estudantes brancos e afro-americanos é agora praticamente a mesma, embora os estudantes hispânicos ainda fiquem muito para trás. Alguns Estados, como o Texas, exigem que as escolas demonstrem aproveitamento melhorado entre os subgrupos de estudantes, o que significa que os índices gerais não podem ocultar problemas com estudantes de minorias. Em locais onde as escolas estão concentrando auxílio especial para estudantes de minorias com baixo desempenho (como classes menores, estratégias de leitura precoce com base em pesquisa e motivação para o preparo para a faculdade), o aproveitamento dos estudantes das maiorias muitas vezes excede as médias nacionais.

#### COMO TORNAR-SE VERDADEIRAMENTE ABRANGENTE

Da vida em instituições segregadas para salas de aula segregadas em escolas públicas até a inclusão em salas de aula regulares; esta foi a história da educação dos estudantes com deficiências nas escolas norte-americanas. A maior parte do sucesso ao tornar os estudantes deficientes aceitos em salas de aula regulares ocorreu desde os anos 1950, quando os pais e outros defensores (iluminados por decisões judiciais que derrubaram a segregação racial nas escolas) começaram a organizar-se em nome de estudantes com deficiências.

Diversas decisões judiciais e leis federais finalmente levaram a uma mudança política significativa: legislação importante exigindo que as escolas oferecessem "educação pública livre e apropriada" para todas as crianças deficientes. Conhecido atualmente como a Lei da Educação dos Indivíduos Portadores de Deficiências (IDEA), ela garante que toda criança deficiente receba um programa de educação individualizado de comum acordo entre os pais e os educadores. À medida que se aprendeu mais sobre a educação de crianças com deficiências, a lei foi emendada para enfatizar a "total inclusão" dos estudantes com deficiências nas salas de aula regulares e seu acesso ao mesmo currículo e padrões dos demais estudantes.

A natureza das deficiências entre os estudantes muda ao longo do tempo. No início da IDEA na forma da Lei da Educação de Todas as Crianças Deficientes em meados de 1970, os problemas de fala representavam o maior percentual de estudantes com deficiências (35%) e o retardamento mental era o segundo (26%). Vinte anos mais tarde, na década de 1990, as deficiências de aprendizado eram a maior categoria (46%), enquanto os problemas de fala caíram para 18% e o retardamento mental para 10%. Durante esse período, a pesquisa médica e educacional determinou que havia uma nova categoria entre os deficientes – a disfunção por falta de atenção (ADD), que agora é coberta por programas do governo norte-americano.

Os programas para diagnosticar atrasos no desenvolvimento de crianças muito jovens e fornecer a elas auxílio precoce evitam que muitas crianças sejam rotuladas como deficientes. Além disso, os investimentos federais na educação das crianças

com deficiências incluem o treinamento de professores e a pesquisa de novas tecnologias. Este último esforço levou a tecnologias de assistência, como o uso de computadores que permitem que as crianças com deficiências físicas permaneçam melhor no nível de graduação em salas de aula regulares. Outras leis norte-americanas tornam as instalações escolares fisicamente acessíveis para os estudantes, através de rampas no lugar de escadas ou elevadores em construções de múltiplos andares.

Cerca de 12% das matrículas no jardim da infância à 12<sup>a</sup>. série recebem serviços com base na IDEA. Cerca de três quartos delas recebem aulas em salas de aula regulares. Muitas vezes, os professores regulares são auxiliados por professores treinados em educação especial, seja na sala de aula ou em salas de recursos em que os estudantes deficientes recebem auxílio adicional. Quase um quarto dos estudantes com deficiências freqüentam classes separadas em prédios de escolas regulares; um pequeno percentual matricula-se em escolas especiais ou é colocado em instituições residenciais.

#### DIVERSIDADE DE APROVEITAMENTO

À medida que as escolas se movem em direção a padrões mais altos para todos os estudantes, existe uma antiga tradição na educação do jardim da infância à 12<sup>a</sup>. série norte-americana de proporcionar educação também para o excepcionalmente dotado e talentoso. Nos primeiros dias da nação, antes de haver legislação que garantisse a educação pública para todos, as famílias reuniam seus recursos para educar seus filhos nos parlatórios domésticos ou em outros locais (atualmente, em escala comparativamente modesta, ainda existe a escola doméstica para crianças em todo o território norte-americano). As famílias afluentes mantinham esta educação separada através de escolas privadas e preparatórias para a faculdade exclusivas. Mas a expectativa e a sanção legislativa do último século de que todos os estudantes devam comparecer à escola até a idade de 16 anos estimulou o sistema educacional a oferecer diversos programas para todos os níveis de capacidade.

Isto levou ao desenvolvimento de programas para o superdotado e o talentoso. Devido às diferenças entre as leis estaduais e as práticas locais, o número de estudantes matriculados nesses programas varia

grandemente, de 5% em alguns Estados até mais de 10% em outros, mas todos os Estados, com poucas exceções, financiam ou exigem educação para os superdotados. Enquanto os defensores afirmam sempre que mais esforços e melhor financiamento são necessários, as escolas empregam diversos métodos para a educação dos dotados. Existem, por exemplo, programas de "retirada" (em que os estudantes deixam suas salas de aula regulares diversas vezes por semana para participar de atividades de enriquecimento). Isto é mais comum no nível da escola primária. As escolas secundárias "atraentes" que se concentram nas artes, matemática ou ciências oferecem aos estudantes mais trabalho intensivo nessas áreas. Escolas como a Escola Secundária Bronx de Ciências em Nova Iorque e a Escola de Artes Duke Ellington em Washington, D. C., existem em grandes quantidades em toda a nação. Onze Estados criaram escolas residenciais para instrução avançada em matemática, ciência ou artes. As "escolas dos governadores", que funcionam durante os períodos de férias de verão, são abertas para estudantes talentosos e altamente dotados. Alguns Estados, como Minnesota, permitem que jovens e veteranos proficientes da escola secundária façam cursos pós-secundários em campus universitários, financiados pelo Estado.

As escolas secundárias também oferecem diversas formas para atender os estudantes de alta capacidade. Eles podem fazer parte de programas nacionais, como a Solução de Problemas Futuros, Odisséia da Mente ou a série de leitura de Grandes Livros. Mais de 60% das escolas secundárias públicas e 46% de escolas não-públicas participam do programa de Colocação Avançada (AP) do Conselho de Faculdades. Professores altamente qualificados apresentam-se como voluntários para lecionar cursos de AP, que oferecem trabalhos avançados mais intensivos em temas acadêmicos que o currículo regular da escola secundária. Em 1999, mais de 700.000 estudantes secundaristas matricularam-se em cursos de AP e realizaram os exames de AP. Uma boa nota no exame, três ou acima, qualifica o estudante para crédito e/ou matrícula em cursos

avanzados de quatro anos em quase todas as faculdades e universidades.

Cerca de 30% dos estudantes em cursos de AP em 1999 foram minorias. Estão a caminho esforços para encorajar as escolas secundárias sem cursos de AP (a maioria das quais em área de alta pobreza e altas minorias) a prepararem os professores e estudantes para cursos de AP.

#### COMO SOLUCIONAR O PRECONCEITO SEXUAL

Como parte da demanda geral de maior eqüidade nas escolas estimulada pelo movimento dos direitos civis, a atenção voltou-se à exclusão das meninas de determinados programas. Embora a maioria das ações judiciais e atenções sobre a discriminação com base em sexo tenha tido lugar na educação superior, o Título IX, uma emenda à Lei da Educação Superior em 1972, barrou a discriminação "em qualquer programa educacional ou atividade que receba assistência financeira federal". Como a maior parte das escolas de jardim da infância à 12<sup>a</sup>. série têm benefícios de auxílio do governo dos Estados Unidos de alguma forma, o Título IX aplica-se também a elas. Conseqüentemente, as escolas começaram a oferecer mais programas atléticos para as meninas, livros de textos selecionados e outros materiais que promovessem a igualdade entre os sexos e abriram às meninas a possibilidade de matrícula em programas vocacionais tradicionalmente orientados para os meninos.

O objetivo da igualdade entre os sexos resultou em escrutínio contínuo da participação das meninas na vida escolar. A atenção às desigualdades provavelmente responde pela atual quantidade mais alta de matrículas das meninas em cursos avançados de matemática e ciências e pelos esforços sendo realizados para assegurar que as meninas tenham o mesmo acesso aos computadores que os meninos. A pesquisa sobre a questão sexual também influenciou a preparação dos professores e os programas de desenvolvimento profissional, já que as conclusões demonstraram que os professores às vezes menosprezavam as meninas na sua instrução, inconscientemente. A pesquisa revela, por exemplo, que os professores podem solicitar aos meninos que respondam ou participem mais em salas de aula e, ao mesmo tempo, aceitam respostas menos complexas das meninas.

### DIVERSIDADE RELIGIOSA

Ao contrário dos sistemas educacionais em muitos outros países, os Estados Unidos conduzem uma estrita separação entre a Igreja e o Estado nas escolas. Os fundos públicos destinam-se apenas para escolas públicas, embora alguns Estados e cidades estejam agora experimentando programas de comprovantes que permitem que os fundos públicos sejam gastos em escolas fora do sistema público, incluindo as escolas paroquiais (religiosas). A maior parte desses planos está sendo contestada nos tribunais.

Devido a essa separação, existe um bem sucedido setor escolar privado e paroquial nos Estados Unidos. Cerca de cinco milhões de estudantes, ou 10% dos matriculados em jardim da infância à 12<sup>a</sup>. série, freqüentam escolas primárias e secundárias privadas. As escolas católicas compreendem a metade dos matriculados em escolas privadas; outras denominações religiosas representam 35%. Na educação nas escolas paroquiais, a expansão mais rápida está na comunidade muçulmana, que agora possui cerca de 200 escolas em todo o território norte-americano.

### CONCLUSÃO

O atendimento às necessidades da diversidade de estudantes nas escolas públicas é uma questão que nunca dorme nos Estados Unidos. Os elaboradores de políticas, educadores, tribunais e pais buscam constantemente as melhores formas de educar todos os estudantes. O fim da segregação ordenado pelos tribunais e a ação afirmativa, por exemplo, estão gerando iniciativas que melhoram a qualidade da educação em todas as escolas e especialmente a preparação e apoio de professores para lecionar em salas de aula com alta diversidade. Os programas de determinação estão sendo expandidos para incluir o teste apropriado de estudantes de minorias lingüísticas e os portadores de deficiências. Ao invés de excluí-los do teste, os elaboradores de políticas que projetam os sistemas de responsabilidade afirmam que o verdadeiro progresso nas escolas somente pode ser medido se todos os estudantes forem incluídos na responsabilidade. A educação bilíngüe permanece controversa, mas também possui forte presença na maior parte das comunidades e

existe crescente demanda entre os pais em geral para aprimorar a instrução em língua estrangeira para todos os estudantes.

Este compromisso contínuo com o atendimento das necessidades dos estudantes, sejam quais forem suas diferenças, será necessário para preparar as escolas norte-americanas para um futuro em que, conforme projetado para o final deste novo século, as minorias representarão 60% da população dos Estados Unidos. □

*Anne C. Lewis escreve sobre política educacional e é colunista nacional do "Phi Delta Kappan", uma publicação educacional líder nos Estados Unidos.*

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

# A EDUCAÇÃO NORTE-AMERICANA: A QUESTÃO DA "ESCOLHA"

RICK GREEN

**G**ail Watson é um auto-movimento de reforma escolar, embora ela reivindique ser apenas uma mãe buscando a melhor educação para seus filhos.

Seu filho Jevonte freqüenta uma pequena escola elementar distrital em Hartford, Connecticut, onde o desenvolvimento do caráter e os valores são tão importantes como o aprendizado em sala de aula. Outro filho, Dashawn, viaja de ônibus para outra cidade para freqüentar uma escola intermediária (sexta à oitava série) para estudantes com necessidades especiais. Sua filha Taquonda se formará no próximo ano em um programa de "atração" de uma das quatro escolas secundárias daquela cidade em que os estudantes têm aulas de latim e lêem os clássicos gregos.

Todas são escolas públicas. Mas, ao invés de simplesmente enviar seus filhos para as escolas distritais, como sempre fez a maior parte dos pais naquela cidade fabril envelhecida, Watson selecionou cuidadosamente cada uma delas em uma iniciativa pequena mas crescente de "escolha da escola".

Watson e seus filhos são a primeira observação de um conceito emergente, em que a educação é baseada em uma idéia simples: deixe que os pais decidam.

O conceito de escolha da escola (em que os pais podem selecionar as escolas em que seus filhos estudarão, onde eles acreditam que obterão o maior benefício) eclodiu sobre o esquema educacional nacional.

Na verdade, a maior parte das crianças nos Estados Unidos reúne-se nas vizinhanças ou regionalmente sob a filosofia de "escola comum" que começou em cidades da Nova Inglaterra, como Hartford, centenas de anos atrás, mesmo antes da declaração da independência dos Estados Unidos em 1776. As escolas comuns eram públicas e teoricamente abertas para todos, embora tivessem ainda orientação religiosa e normalmente cobrassem mensalidades. O sistema norte-americano de escolas públicas desenvolveu-se em meados do século XIX, estimulado inicialmente pelo educador Horace Mann em Massachusetts, expandindo-se posteriormente para o restante do nordeste dos Estados Unidos e, em sua oportunidade, para toda a nação.

Atualmente, de forma geral, a educação em escolas públicas está se fortalecendo. O nível de aproveitamento dos estudantes em todo o país está em ascensão e indicadores como taxas de evasão estão em declínio. As pesquisas de opinião pública demonstram freqüentemente que os pais estão satisfeitos com a qualidade da educação na sua escola pública distrital. Ainda assim, existem diferentes lacunas de desempenho entre os distritos escolares urbanos e suburbanos e entre os

estudantes brancos e de minorias. Os insatisfeitos com sua educação pública local estão explorando a escolha das escolas. De fato, para os legislativos estaduais e conselhos escolares locais, bem como para muitos cidadãos, a questão da criação ou não de mais escolhas para os pais tornou-se uma das principais questões educacionais atuais nos Estados Unidos.

"Eu simplesmente quero que meus filhos obtenham a melhor [educação] que puderem. Isso está realmente fazendo com que eles pensem", afirma Watson, que foi aluna de diversas escolas públicas médias durante sua criação em Hartford. Ela agora acredita que a concorrência e a escolha são a única forma de revitalizar os distritos escolares de baixo desempenho como o dela, localizado em uma das cidades mais pobres da nação.

**W**atson descobriu a escolha da escola, em grande parte, ao acaso, quando os seus filhos eram alunos de uma escola distrital em que um professor empenhava-se em uma campanha, tentando lançar um programa alternativo que fortalecesse os valores e a educação do caráter juntamente com o aprendizado.

Foi pura sorte ser mãe em uma época em que os distritos escolares e os Estados buscavam desesperadamente melhorar o desempenho dos estudantes e começavam a experimentar diversas idéias dramáticas, como a escolha da escola.

Esta estratégia proporciona aos pais um verdadeiro menu de opções, oferecendo a eles diferentes tipos de escolas antes abertas somente para os suficientemente ricos para pagar pela educação em escolas privadas. Muitas vezes, isso significa selecionar uma escola ou programa especializado construído sobre um tema específico, como as artes, ciência e tecnologia ou educação do caráter, embora a educação do caráter (o fornecimento de valores aos estudantes como parte do programa escolar) tenha se tornado nos dias de hoje mais um fato estabelecido entre as escolas de toda a nação.

Ao mesmo tempo, os que apoiavam ainda mais liberdade defendiam o fornecimento de "comprovantes" de pagamento aos pais que optassem por enviar seus filhos à escola privada de sua escolha, para uso no custeio do pagamento. Algumas cidades, como Cleveland (Ohio) e Milwaukee (Wisconsin), estiveram examinando esta

idéia. Até o momento, os tribunais norte-americanos sustentaram, de forma geral, que o uso de fundos públicos para pagar escolas privadas é ilegal. Em breve, talvez já em 2001, a Corte Suprema dos Estados Unidos (o mais alto painel jurídico da nação) poderá considerar esta questão.

Enquanto isso, um percentual minúsculo de estudantes (um milhão dentre 53 milhões de estudantes de escolas públicas e privadas) está optando pela saída completa das escolas tradicionais. Conhecidos como "estudantes domésticos", esses estudantes são ensinados em casa pelos seus pais. Embora pequeno, o número vem crescendo substancialmente durante os últimos dez anos e é ainda outro reflexo do desejo crescente pela escolha educacional nos Estados Unidos.

"Os pais devem poder escolher", argumenta Stephen C. Tracy, antigo superintendente de um distrito escolar público e agora executivo da Edison Schools, Inc., uma companhia comercial líder na administração de escolas públicas sob contrato.

"Mesmo com o estabelecido hoje, existe o reconhecimento que essa demanda de escolha já é quase inegável". Edison, que ainda não conseguiu lucro, estará conduzindo cerca de 100 escolas que servem mais de 50.000 crianças ao final do outono de 2000.

"Vivemos em uma sociedade consumista; estamos tão acostumados a ter opções", agrega Tracy, apontando que as pessoas não aceitam mais "a noção de que não há escolha em relação ao ensino. Existem dois argumentos essenciais para a escolha. A primeira é que as coisas irão melhorar... que a concorrência leva ao melhor desempenho. A outra é que a escolha é de liberdade."



**N**os últimos cinco anos, Tracy e outros afirmam que "uma tremenda mudança" começou a infiltrar-se nas salas de aula norte-americanas. Até 3% dos estudantes norte-americanos têm agora algum tipo de escolha na sua educação pública (um número imperceptível há apenas dez anos).

O panorama é variado. Em alguns Estados, como a Califórnia, pode haver uma variedade de escolhas para pais que vivem em cidades ou subúrbios. Em outros Estados, como o Connecticut de Watson, o movimento de escolha é em grande parte confinado a cidades em que o aproveitamento dos estudantes vem sendo o mais baixo e as taxas de pobreza são as mais altas.

Lentamente, entretanto, a idéia de que as escolas devem oferecer escolhas (não como as seleções de alimentos nos supermercados ou filmes em cinemas multiplex) está tomando corpo em um país em que a educação pública e livre é um dos valores mais cuidadosamente preservados.

#### ESCOLAS LICENCIADAS

Dois dos filhos de Gail Watson estudam em escolas "licenciadas", que recebem dólares de impostos públicos mas operam em grande parte independentes das burocracias da educação local. Essas escolas começaram em Minnesota há apenas oito anos e rapidamente tornaram-se o centro do movimento de escolha nos Estados Unidos.

Até o outono de 2000, espera-se que mais de 2.000 escolas licenciadas estejam em funcionamento em mais de três dúzias dos 50 Estados da nação. Em alguns Estados, as escolas estão livres de delegações estabelecidas há muito tempo, como a necessidade de contratar professores certificados. Isto, por sua vez, é uma questão de debate e controvérsia.

Os que apóiam a idéia afirmam que as escolas licenciadas permitem que professores inovadores tentem novas idéias, à medida que os pais selecionam o tipo de escola que desejam para seus filhos. Essas instituições tendem a ser pequenas, muitas vezes direcionadas a aptidões e organizadas em torno de um tema. Os críticos afirmam que nas escolas reina a má administração, com pouca supervisão e ainda menos evidência de que elas melhorem o desempenho do estudante a longo prazo.

"Mais distritos escolares irão tornar-se licenciados", afirma Joe Nathan, do Centro de Mudança Escolar da Universidade de Minnesota. "O público está exigindo opções. O movimento licenciado afirma que podemos ter maiores expectativas da educação pública."

O movimento licenciado é tão amplo que é apoiado tanto pelo poder executivo e legislativo do governo norte-americano (a Administração Clinton e o Congresso) como por defensores das escolas empresariais, fundamentalistas cristãos, pela Associação Nacional da Educação e pela Federação Norte-Americana de Professores, os dois maiores sindicatos representativos de professores de escolas públicas.

"O movimento cresceu de um Estado para 37", aponta Nathan. "Ele está se expandindo e muito rápido. Existem centenas de milhares de crianças com melhor desempenho na escola do que anteriormente", afirma Nathan, que trabalha com escolas licenciadas em todo o país.

**O** Estado de Michigan, no centro-oeste, poderia muito bem ser o ponto central do movimento de escolha escolar e escolas licenciadas. Enquanto alguns Estados fizeram apenas incursões tentativas no movimento de escolha e possuem comparativamente menos escolas licenciadas em operação, Michigan concedeu licenças a dezenas de escolas independentes, em grande parte devido ao mau desempenho crônico em suas escolas urbanas e antigas inequidades no financiamento escolar entre as cidades e as metrópoles. Cerca de 4% dos estudantes do Estado estão matriculados em escolas licenciadas, várias delas administradas por empresas comerciais como a Edison.

"Existem muitas razões para as pessoas fazerem isso", sugere David Arsen, professor da Universidade Estadual de Michigan. "Existem algumas escolas licenciadas que são muito inovadoras, mas não se trata de uma caracterização adequada do conjunto de escolas como um todo. Ainda se trata de um conjunto heterogêneo de escolas."

As pesquisas de Arsen apóiam a noção de que os pais nas piores escolas querem uma opção, mesmo que isso signifique o esgotamento de recursos em escolas públicas comunitárias tradicionais que apresentem mais necessidade. Os críticos do licenciamento há tempos queixam-se de que essas escolas simplesmente retiram dólares vitais das escolas que muitas vezes estão tentando educar os norte-americanos mais pobres oriundos de famílias com educação mínima.

As novas escolas licenciadas "tendem a localizar-se onde as escolas públicas tradicionais encontram mais problemas", afirma Arsen. "Elas estão retirando fundos das escolas públicas que enfrentam os maiores desafios".

E, ainda assim, em Estados como o Michigan e Arizona, em que as licenciadas são comuns, Arsen e outros acreditam que as licenciadas também começaram a forçar as escolas regulares a fazerem algumas modificações, com receio de que muitas famílias a abandonem.

"Caso sejam perdidos 3% ou 5% dos alunos para a escolha, há que se prestar atenção", afirma Arsen, mencionando esforços crescentes de marketing como a instituição do jardim da infância em período integral e os anúncios em "outdoors" e no rádio. "Existe um novo caráter de ser mais solícito com os pais", ele agrega.

Na maior parte do tempo, o que há de diferente é a forma com que as escolas são conduzidas, e não o que é ensinado, de acordo com as pesquisas de Arsen e seus colegas.

"Existe pouca modificação no núcleo instrucional", afirma ele. "A inovação está vindo do governo e da organização escolar."

#### COMPROVANTES PRIVADOS

Embora os tribunais tenham bloqueado a maior parte dos programas limitados de comprovantes, os que apóiam a idéia surgiram com outro método para manter viva a idéia: bolsas de estudo livres.

Investidores abastados que eventualmente desejem ver um programa de comprovantes públicos lideraram iniciativas de comprovantes com financiamento privado em dezenas de cidades em todo o território norte-americano. A maior experiência até hoje foi em San Antonio, no Texas, onde um grupo de homens de negócios conservadores levantou US\$ 50 milhões e ofereceu a cada criança em um dos distritos escolares públicos da cidade um comprovante para uso em escolas privadas. Ainda assim, para a grande maioria dos 47 milhões de crianças que cursam escolas primárias e secundárias públicas nos Estados Unidos, as bolsas de estudos em escolas privadas não são opção.

Nina Shokrai Rees, analista de educação da Fundação Heritage, um grupo de pesquisa de políticas que apóiam o livre mercado, afirma que os mais fortes defensores da escolha escolar são encontrados entre os que apóiam a educação em escolas paroquiais e as minorias urbanas que buscam melhores escolas. Os oponentes dos comprovantes incluem os cidadãos que consideram a retirada de dinheiro público para escolas privadas uma violação do dispositivo constitucional federal que separa a igreja do Estado. Ainda outros argumentam contra os comprovantes como algo que retira o dinheiro das escolas mais necessitadas, sacando portanto fundos das cidades do interior da nação.

No início do ano, em uma variação do tema dos "comprovantes", um juiz federal (de tribunal norte-americano) no Estado da Flórida suspendeu uma das mais dramáticas experiências de escolha escolar. Ela teria permitido que os pais de estudantes de escolas públicas deficientes frequentassem outra escola, pública ou privada, com custos pagos pelo Estado. O tribunal afirmou que os dólares dos impostos públicos devem ir para escolas públicas e não privadas.

#### MAIS PAIS QUEREM ESCOLHA

Durante a década de 1990, percentuais cada vez maiores de norte-americanos afirmaram favorecer a concessão aos pais do direito de escolha da escola que seus filhos irão freqüentar. Alguns distritos e poucos Estados até oferecem aos pais o direito de selecionar virtualmente qualquer escola pública que desejem, desde que haja vaga em sala de aula.

Ted Carroll, um pai de escola pública e ex-membro eleito do conselho de educação de Hartford, afirma que ele acredita que a concessão aos pais do direito de seleção entre um menu de pequenas escolas é fundamental para o futuro da educação pública.

Carroll é agora membro da diretoria da Escola Licenciada Breakthrough, uma pequena escola elementar mantida com fundos públicos que atrai estudantes de toda a área de Hartford, que incluem o filho de Gail Watson, Jevonte. É uma das poucas escolas licenciadas da cidade.

"Não há dúvida em minha mente que os pais que têm seus filhos em Breakthrough emocionam-se", afirma Carroll. "Eles se sentem muito engajados no processo educacional dos filhos. Os funcionários e o conselho de Breakthrough claramente o esperam. Cada funcionário compreende a missão. E o tamanho [da população estudantil] é bastante importante. Existe um ponto além do qual as escolas podem perder a intimidade necessária para que os grupos sintam-se uma comunidade genuína."

Os 150 estudantes de Breakthrough cabem facilmente no auditório da escola. Nas manhãs de sexta-feira, a diretora da escola Norma Neumann-Johnson os conduz em algumas canções ou um tema de discussão. É o tipo de evento de escola pequena comum em Breakthrough.

Inspirada pelo sucesso das pequenas escolas no distrito escolar de East Harlem em Nova Iorque, Neumann-Johnson estabeleceu uma escola alternativa em torno da resolução de problemas do mundo real, desenvolvimento de caráter e programas de educação dos pais.

"Se todos os pais precisarem escolher, eles montarão nos seus cavalos e começarão a investigar", afirma ela.

Sua escola atrai não apenas pais motivados, mas também professores que buscam algo diferente.

"As pesquisas demonstram que os resultados aparecem quando há comprometimento dos professores", defende Neumann-Johnson. "Havia 98 candidatos para sete cargos de ensino [quando a escola abriu]. Todos aqui são apaixonados. Se houvesse apenas escolas de escolha, não haveria maus professores."

É esse tipo de lógica que os que as apóiam esperam fazer penetrar as escolas licenciadas e a escolha escolar até nas comunidades norte-americanas mais conservadoras.

"O movimento licenciado afirma que podemos ter mais expectativas de educação pública", afirma Nathan, da Universidade de Minnesota. "Trata-se de uma visão muito positiva do que as escolas podem realizar."

Talvez a mudança mais radical de todas é que ser simplesmente contrário à escolha agora é visto como oposição à reforma escolar, de acordo com Jeanne Allen, diretora do Centro para a Reforma Educacional, com sede em Washington, D. C.

"O conceito de escolha agora está bem enraizado na política pública. Se você não for a favor dela, você está se definindo contra ela", explica ela. "O apetite do público foi estimulado."

Para Watson e seus três filhos, a escolha permanece uma única: como encontrar as melhores escolas públicas disponíveis.

"As escolas licenciadas e 'atraentes' são algo do que de melhor surgiu", afirma ela. "Essas escolas têm muitas formas de ajudar as crianças a aprender. Elas simplesmente não tinham isso quando eu estava na escola." □

*Rick Green é veterano repórter de educação do "Hartford Courant" em Connecticut" e vencedor do grande prêmio da Associação de Escritores de Educação pelas suas reportagens.*

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.*

# A SALA DE AULA NORTE-AMERICANA

*CIDADANIA, COMUNIDADE E SEGURANÇA SÃO CADA VEZ MAIS ASSUNTOS DE DISCUSSÃO E RESOLUÇÃO NAS ESCOLAS NORTE-AMERICANAS. OS ARTIGOS A SEGUIR DESCREVEM BREVEMENTE OS DESENVOLVIMENTOS NESSAS ÁREAS.*

## A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CARÁTER

ESTHER F. SCHAEFFER

**A** educação do caráter pode ser traçada desde a fundação do sistema escolar norte-americano e sempre pretendeu ser parte integrante do ensino. Mas, por um momento, justamente quando pode haver sido mais necessário, as instituições educacionais deixaram de incorporar o desenvolvimento do caráter em seu trabalho.

Atualmente, entretanto, ele reapareceu no cenário educacional da nação. Os primeiros sinais indicam que as escolas que enfatizam a educação do caráter e concentram-se no desenvolvimento das virtudes do caráter estão presenciando resultados impressionantes.

A Parceria na Educação do Caráter (CEP) (uma coalizão nacional apartidária de indivíduos e organizações dedicadas ao desenvolvimento do caráter moral dos jovens) define este princípio como "o processo de longo prazo de auxiliar os jovens a desenvolverem bom caráter", ou seja, conhecê-los, cuidar deles e atuar sobre valores éticos centrais, como integridade, honestidade, compaixão, responsabilidade e respeito por si próprio e pelos outros. O objetivo é o de envolver os estudantes em um ambiente que demonstre, ensine e encoraje a

prática dos valores necessários para a sociedade. Como resultado, as crianças não serão apenas informadas sobre esses valores, mas também os incorporarão e tomarão decisões e agirão de acordo com eles. Isso exige concentração nos valores em todo o currículo e cultura da escola.

É necessário tempo, esforços e muitas vezes o desenvolvimento dos profissionais para integrar a educação do caráter às escolas, mas o investimento vem provando que compensa o esforço. As escolas médias e secundárias em todo o país que adotaram os propósitos conjuntos de desenvolvimento acadêmico e de caráter vêm observando resultados impressionantes em sua cultura e ambiente geral, no nível de comprometimento da comunidade estudantil, no envolvimento dos pais e mesmo em aproveitamento acadêmico mais alto. A educação do caráter funciona em escolas de diversos tamanhos, com populações que variam de homogêneas a heterogêneas e com estudantes de famílias de todo o espectro sócio-econômico.

Para ser eficaz, a educação do caráter deve ser ponderada e intencional. Ela deve incorporar-se a todos os aspectos da vida escolar, desde o dia acadêmico até os esportes e outras atividades extra-curriculares. Ela deve ser um marco de todos os relacionamentos interpessoais entre adultos e estudantes.

As escolas que estabeleceram boa educação do caráter criaram ambientes de cuidado que são

sensíveis a questões comportamentais: o isolamento de certas crianças e animosidades entre diferentes grupos ou facções. Essas instituições estabeleceram forte comunicação e compreensão entre os estudantes e com os adultos. Elas reagem aos problemas e possuem professores, administradores e estudantes que freqüentemente estão dispostos a tomar ações e assumir responsabilidades quando outro estudante parece ter problemas.

As escolas que se sobressaem neste sentido possuem determinadas características comuns. Invariavelmente, elas possuem uma liderança administrativa compromissada, que inclui não apenas diretores, mas também assistentes e orientadores. Elas possuem um vocabulário comum; um conjunto de valores integrados no estudo da literatura, história e outros assuntos. A Escola Secundária Mount Lebanon, nos arredores de Pittsburgh, na Pensilvânia, cumpre com esse papel até em matérias menos relacionadas, como ciência e matemática. Elas incluem a educação do caráter no desenvolvimento dos funcionários. A Escola Média Leesville, em Wake County, na Carolina do Norte, por exemplo, organiza os professores em equipes que utilizam o desenvolvimento do caráter como elemento central em seu planejamento conjunto de currículo e aulas. Elas se concentram no respeito mútuo. Elas encontram formas de incorporar serviços comunitários na sua agenda. E, como Youth Opportunities Unlimited (uma escola pública alternativa de San Diego, na Califórnia, freqüentada por estudantes de risco redirecionados ou expulsos de outras escolas distritais), elas obtêm resultados. Em Youth Opportunities Unlimited, a taxa de evasão caiu de 23% durante o período 1994/95 para menos de 13% dois anos mais tarde.

Embora a educação do caráter nunca seja uma solução a curto prazo, nem uma garantia contra a erupção da violência, ela é certamente uma parte vital da solução geral.

*Esther F. Schaeffer é diretora executiva do CEP em Washington D. C. Este artigo é reimpresso mediante permissão da edição de outubro de 1999 do Boletim da Associação Nacional de Diretores de Escolas Secundárias. Copyright © Associação Nacional de Diretores de Escolas Secundárias.* □

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

## O PLANEJAMENTO DE ESCOLAS MAIS SEGURAS

POR RICHARD DIEFFENBACH

**E**nquanto o público norte-americano debate as causas da recente torrente de incidência de crimes violentos nas escolas e suas soluções, essas instituições estão enfrentando a necessidade de preparar-se para lidar com tudo o que possa ocorrer. Para assisti-las, agências de administração de emergências estaduais em toda a nação estão oferecendo seus serviços para ajudar a tornar as escolas mais seguras e proteger as crianças.

Para os administradores de emergências, os tiroteios em Littleton, no Colorado, em abril de 1999, e outros eventos em outros lugares demonstraram como é vital uma mudança e reação eficaz. Os funcionários das escolas e as autoridades locais estão se conscientizando da necessidade de coordenação de serviços de emergência, incluindo delegacias,

polícia municipal e estadual, esquadrões antibombas, bombeiros, serviços por telefone, paramédicos e hospitais. E eles necessitam aprender como lidar com os meios de comunicação, funcionários do governo de diversos escalões e, naturalmente, com os pais. Crises menos dramáticas, desde ataques com bombas até desastres naturais, podem também incitar atividades exaltadas.

"El problema con las emergencias es que ocurren tan raramente", dice Peter Clark, director de una escuela de Vermont que estuvo a punto de inundarse. "El problema también es la rapidez con la que ocurren".

"O problema das emergências é que elas acontecem muito raramente", afirma Peter Clark, diretor escolar em Vermont cujo prédio foi ameaçado por enchentes. "O problema é a rapidez com que elas ocorrem."

Os administradores de emergências estaduais estão preparados para auxiliar as escolas a desenvolverem bons planos porque eles lidam com todas as espécies de crises regularmente. "Somos especialistas no planejamento de todos os perigos", afirma Gary McConnell, diretor da Agência de Administração de Emergências da Geórgia. "Acho que temos muito a oferecer às escolas neste sentido."

A violência escolar o levou a implementar um novo programa para as escolas e autoridades locais em um Estado em que diversos incidentes trouxeram o assunto à discussão. O programa conduz sessões de treinamento para cada distrito escolar. Ele inclui instruções sobre como criar um plano de emergência, conduzir exercícios e pesquisas, coordenar com serviços de emergência e responder aos meios de comunicação.

Os administradores de emergências estaduais necessitam de previsões que sejam tão amplas e abrangentes quanto possível. "Auxiliamos nossas escolas a elaborarem planos abrangentes que se apliquem a todos os tipos de riscos, como tempestades e vazamentos de produtos químicos", afirma Woody Fogg, diretor do Escritório de Administração de Emergências de New Hampshire. "Esse tipo de plano tornará as escolas prontas para tudo."

A chave do planejamento, afirmam coordenadores de administração de emergências, é através de

parcerias com educadores, líderes comunitários, pais e funcionários de segurança pública. No Arizona, a parceria envolve o departamento estadual da educação, as universidades estaduais e o mundo empresarial, representado pelo Bank of America. Os parceiros proporcionam apoio técnico e financeiro para tornar as escolas seguras. O programa que foi estabelecido por essas parcerias inclui dois dias de treinamento para equipes locais, incluindo membros do conselho escolar, administradores, professores, funcionários de manutenção escolar, pais, autoridades locais e funcionários de segurança pública.

Com o envolvimento dos membros da comunidade, é mais provável que os planos sejam realmente implementados. Ed von Turkovich, diretor de administração de emergências do Estado de Vermont, acredita que os estudantes deverão ser uma face da parceria: "o que é mais importante, ter os estudantes envolvidos ajuda a formar melhores cidadãos no futuro".

Em sua maior parte, os diretores de administração de emergências sentem que o seu papel é o de assistir as escolas e autoridades locais "a fornecer às comunidades os instrumentos necessários para preparar-se e reagir de forma eficaz a tudo, e não dizer-lhes o que devem fazer", afirma Fogg.

Na criação dos seus programas, os funcionários de emergências estaduais aproveitaram-se dos recursos e métodos existentes. O Arizona utiliza um curso de segurança escolar ministrado pela Agência Federal de Administração de Emergências (FEMA), que foi adaptado para atender às necessidades do Estado, incluindo a adição de um componente principal de violência escolar. O currículo de New Hampshire utiliza um "sistema de comando de incidentes" projetado originalmente para as Forças Armadas. Com base nesse sistema, os funcionários das escolas tornam-se administradores de emergências com papéis e responsabilidades específicas.

Muitos legisladores estaduais estão examinando leis que encorajem ou exijam que as escolas façam planos. Além disso, eles estão estudando ampla variedade de medidas preventivas (mais conselheiros escolares, linhas telefônicas de instruções com chamada gratuita), bem como punições maiores para estudantes envolvidos em ameaças, ataques e outras

formas de comportamento violento.

De forma geral, esses programas estaduais, que continuam a expandir-se, proporcionaram aos sistemas escolares o sentido de segurança de que os organismos de administração de emergências estarão presentes se ou quando as escolas enfrentarem situações de risco de vida. Ao mesmo tempo, as agências estaduais trouxeram certo grau de poder a essas comunidades, fornecendo a elas os instrumentos de auxílio e proteção própria, tornando suas escolas e crianças mais seguras.

*Richard Dieffenbach é analista político da Associação Nacional de Administração de Emergências do Conselho de Governos Estaduais. Copyright © 1999 Conselho de Governos Estaduais. Reimpresso mediante permissão do "State Government News".* □

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

## AJUDA IGUALITÁRIA ATRAVÉS DOS SERVIÇOS: A ASSISTÊNCIA DO APRENDIZADO

POR DEBORAH HECHT

Entre na Escola Licenciada de Hoboken (Nova Jérsei) e você poderá observar um estudante secundarista ocupado em ativas discussões com outro de terceiro grau sobre uma exibição de arte que visitaram no dia anterior. Em outra sala de aula, você poderá encontrar um secundarista lendo um livro para um mais jovem, do jardim da infância. Mais adiante no corredor, dois secundaristas estão discutindo os planos municipais para um novo programa de reciclagem.

Esta é uma escola compromissada com a educação através do aprendizado de serviços, utilizando-o como pedagogia educacional para encorajar os estudantes de todas as partes de uma região urbana cultural, étnica e economicamente diversa a trabalharem em conjunto para atender as necessidades da sua comunidade. As crianças são incentivadas a definir "comunidade" e "necessidades", na forma em que se aplicam a elas próprias, suas famílias, sua escola e sua cidade.

A expressão "aprendizado de serviços" define um método experimental de ensino e aprendizado que está se tornando comum em escolas de todo o território norte-americano. Ele proporciona aos estudantes a oportunidade de aplicar conhecimentos acadêmicos e não-acadêmicos a situações da vida real. Os estudantes se envolvem em algum tipo de atividade de serviços comunitários significativa que é então relacionada ao seu aprendizado através de períodos cuidadosamente orientados de reflexão e análise. Trata-se de conceito que foi endossado de forma universal por educadores, especialistas de programas de juventude, políticos e até mesmo os engajados no monitoramento do sistema judicial juvenil. Diversos Estados exigem serviços comunitários para a obtenção de graduação em

escolas secundárias e, cada vez mais, os formulários de ingresso em faculdades buscam evidências de tal envolvimento voluntário pelos possíveis novos estudantes. De fato, através de diversos atos do Congresso norte-americano durante a última década, o aprendizado de serviços tornou-se a lei da terra, com mais de um milhão de crianças ativamente envolvidas em serviços comunitários.

Embora tanto o serviço comunitário como o aprendizado de serviços sejam encorajados e apoiados, existe uma diferença entre ambos. O plantio em um jardim comunitário poderá, por exemplo, ser um projeto de serviços comunitários. Ele evoluiria para o aprendizado de serviços se o propósito fosse de auxiliar os estudantes a desenvolverem conhecimentos de botânica ou geometria. Além disso, como geralmente concordam os participantes e supervisores, qualquer atividade de aprendizado de serviços deve atender a uma necessidade real, necessita ser contínua e deve incluir quatro elementos-chave: planejamento, serviço, reflexão e celebração.

Os tipos de aprendizado que ocorrem no processo são tão variados quanto as próprias atividades de serviço. Os objetivos de aprendizado mais comumente identificados são o crescimento dos estudantes em áreas acadêmicas, o avanço do desenvolvimento pessoal (como maior tolerância com os demais ou auto-conhecimento), preparação para carreiras e aumento do senso individual de responsabilidade cívica. Frequentemente, os programas são concebidos para ajudar os estudantes a atender padrões nacionais, estaduais e locais. Os estudantes poderão, por exemplo, aprender história entrevistando ou passando tempo com cidadãos mais velhos. Eles poderão aprender técnicas literárias eficazes escrevendo livros para crianças mais jovens. E eles poderão expandir sua consciência de cidadania e conhecimentos científicos limpando as vizinhanças e plantando jardins.

O aprendizado de serviços é aprendizado real? Se o estudante passarem o tempo engajados em suas atividades, isso não reduz o tempo disponível para suas atribuições de sala de aula e preparação? O fato é que a pesquisa demonstra que, mesmo quando os estudantes passam tempo fora da escola devido a compromissos de serviço, seu aproveitamento acadêmico não sofre com isso. O maior e mais

demonstrável impacto, entretanto, tem sido nas áreas psicossociais e de desenvolvimento pessoal. Os estudantes invariavelmente consideram seu trabalho significativo. Eles desenvolvem um sentido de autoconfiança. Eles sustentam que cuidam dos demais e aprendem a compreender as diferenças entre as pessoas. E, de forma geral, eles terminam por sentir-se bem sobre eles próprios.

É intrigante também o fato de que experiências de serviços cuidadosamente projetadas não exibem preferência pelo estudante mais popular, mais inteligente ou mais rico. O aprendizado de serviços é um nivelador. De fato, frequentemente ocorre que os estudantes que sejam tipicamente desaglutinadores ou descompromissados durante o aprendizado típico em sala de aula sejam bem sucedidos quando têm a oportunidade de trabalhar em um programa de serviços. Um estudante incapaz ou sem disposição de sentar-se durante uma aula de história de 40 minutos pode, por exemplo, apreciar a oportunidade de organizar um baile para idosos.

Através do aprendizado de serviços, os jovens concluem que seus esforços são valorizados pelos outros, que eles podem fazer uma diferença positiva e que podem relacionar-se com adultos preocupados, estabelecendo-se assim como membros colaboradores da comunidade como um todo. □

---

*Deborah Hecht é psicóloga educacional e pesquisadora do Centro de Estudos Avançados em Educação, Centro de Graduação, Universidade da Cidade de Nova Iorque. Copyright© 1999 Corporação de Política Social. Reimpresso mediante permissão da edição de outono de 1999 de "Social Policy".*

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.





A partir dos equipamentos manuais que nos permitem ler nossos livros favoritos, verificar as últimas cotações da Bolsa ou enviar correio eletrônico para todo o mundo até o vasto conjunto de recursos, grupos de discussão e software disponível na World Wide Web, a tecnologia está claramente transformando o panorama da vida nos Estados Unidos em caráter mais rápido que nunca. As tecnologias também estão influenciando a vida dos estudantes e professores nas escolas norte-americanas. Os computadores pessoais, a Web e as inovações digitais relacionadas estão ajudando a liberar a criatividade e ampliar os currículos em muitas salas de aula.

Os computadores nas escolas de hoje são muito mais numerosos e potentes que menos de uma década atrás. De acordo com uma pesquisa publicada na Semana da Educação em setembro de 1999, as escolas norte-americanas reduziram a relação entre estudantes e computadores de cerca de 19 para 1 em 1992 para menos de 6 para 1 em 1999. Cerca de 90% das escolas norte-americanas e 51% das salas de aula agora são ligadas à Internet, de acordo com a Semana da Educação. Uma pesquisa mais recente do Centro Nacional de Estatísticas da Educação sugere que os números são ainda mais altos: que 95% dos edifícios de escolas públicas e 63% das salas institucionais estão conectados à Internet.

Uma razão para esta vertente eletrônica é o baixo custo do equipamento. Os preços de computadores caíram drasticamente (cerca de 50% a cada três anos, de acordo com uma estimativa). Além disso, surgiram muitas oportunidades de financiamento para apoiar o maior uso das tecnologias educacionais. Embora as escolas públicas norte-americanas sejam financiadas principalmente por dinheiro de impostos (e as escolas privadas pelo pagamento de mensalidades), numerosas empresas, organizações sem fins lucrativos e agências do governo oferecem doações para apoiar a utilização de tecnologias inovadoras nas escolas. À medida que os computadores tornaram-se mais disponíveis, eles também se tornaram mais potentes, com poder computacional e velocidade quadruplicando a cada três anos.

Com todo esse equipamento e capacidade nas mãos dos estudantes, os especialistas enfatizam que a chave para liberar o poder da tecnologia é o compromisso com as novas visões do ensino e do aprendizado. A tecnologia, afirmam, pode ajudar a mudar o papel do estudante da absorção passiva de material para a construção de novo conhecimento como parte de uma comunidade maior de estudantes que inclui especialistas nas disciplinas, "telementores" adultos e mesmo colegas em todo o globo. "As novas tecnologias ajudaram a criar uma cultura do aprendizado, em que o estudante aprecia

o aumento da conectividade e as conexões com os demais", afirma Don Tapscott, presidente da Paradigm Learning Corporation. "O ambiente supremo de aprendizado interativo é a própria Internet. Cada vez mais, essa tecnologia detém o vasto repositório do conhecimento humano, acesso a pessoas e uma galáxia crescente de serviços que variam dos ambientes de parque de diversões para pré-escolares até laboratórios virtuais para estudantes de medicina que estudam psiquiatria neural.

Um exemplo da maneira como a tecnologia pode apoiar a educação é o popular Projeto JASON. Já em seu 11º ano, JASON é obra do Dr. Robert Ballard, o oceanógrafo que encontrou as ruínas do "RMS Titanic". Este ano, tomaram parte cerca de 400.000 estudantes dos Estados Unidos, Austrália, Bermudas, Grã-Bretanha e México. O JASON permite que os estudantes unam-se aos pesquisadores ao investigar os fenômenos em tempo real. "Fazendo ciência", ao invés de simplesmente ler sobre ela, os estudantes obtêm mais facilmente a profunda compreensão dos conceitos e conhecimentos envolvidos, acreditam os proponentes do projeto. Desde o início do projeto, que envolveu expedições para as florestas tropicais do Peru e as Ilhas Galápagos, entre outros locais, os professores utilizam os materiais da programação do projeto para planejar diversas atividades em sala de aula para que os estudantes se preparem para a expedição e dêem continuidade. Instrumentos de alta tecnologia, como quadros de mensagens, oficinas eletrônicas e simulações, possibilitam que os estudantes "estejam lá" durante cada expedição e facilitam a interatividade entre os estudantes e os

cientistas ao longo de todo o ano. Um dos pontos altos da expedição é uma transmissão ao vivo via satélite, durante a qual os pesquisadores descrevem suas experiências e descobertas e respondem a perguntas dos estudantes.

O JASON é apenas um exemplo de como os estudantes são participantes ativos e engajados em atividades científicas utilizando a tecnologia. Em Orange County, na Califórnia, os educadores estão transformando a aula de ginástica típica através da abrangente integração de novos instrumentos. Os estudantes de uma classe utilizam a tecnologia de vídeo para gravar e estudar posteriormente seus golpes de tênis e tacadas de golfe. Em outra classe, os estudantes utilizam monitores eletrônicos para monitorar suas batidas do coração durante os exercícios e depois usam computadores para exibir os dados de forma gráfica.

Os recursos disponíveis na Web e em CD-ROM's irrompem com material para atender qualquer tópico do currículo escolar. Com um clique do "mouse", os estudantes podem visitar galerias de arte, observar documentos originais indispensáveis para um projeto de história ou "download" informações altamente especializadas que nunca poderiam ter encontrado há cinco ou dez anos.

No campo da matemática, a World Wide Web está formando ricos bancos de dados disponíveis para os estudantes, que estão sendo cada vez mais solicitados para que utilizem dados para solucionar problemas. O conteúdo do Web site do *Centro Nacional de Dados Geofísicos* (<http://www.ngdc.noaa.gov>), por exemplo, pode ser manipulado pelos estudantes a fim de fazer previsões de temperaturas ou marés. Outro Web site ([http://library.advanced.org/10326/market\\_simulation/index.html](http://library.advanced.org/10326/market_simulation/index.html)) proporciona aos estudantes a oportunidade de simular operações no mercado de ações, sem arriscar dinheiro real.

Em outro excitante desenvolvimento, os estudantes estão cada vez mais desempenhando o papel de produtores, e não apenas consumidores, de conteúdo útil, particularmente na Web. Florence McGinn, professora secundarista de inglês em Flemington, Nova Jersey, acredita inteiramente que a criação e publicação do seu trabalho "intensifica o processo de aprendizado" para seus estudantes. Nas classes para alunos avançados de McGinn, para a 11ª e 12ª

séries, os estudantes gravam as apresentações em vídeo e as disponibilizam na Web para os estudantes ausentes.

Apesar desse progresso, aqueles que desejam penetrar no potencial das novas tecnologias para transformar o ensino e o aprendizado enfrentam também obstáculos a serem superados. O grau de êxito com que educadores e outros estão abordando algumas das questões discutidas abaixo dependerá muito da previsão da influência que terão as tecnologias atuais ao levar a educação para novas direções.

O surpreendente crescimento dos recursos disponíveis na Web gerou, por exemplo, questões mais complexas: como selecionar qual conteúdo deve ser utilizado como recurso no currículo escolar? Como orientar os estudantes em direção a "sites" que ofereçam recursos promissores e para distanciar-se de conteúdo deletério?

Alguns especialistas comparam a tentativa de pesquisar o conteúdo da Web com "beber água de uma mangueira de incêndio". Felizmente, muitos educadores importantes estão disponibilizando relações cuidadosamente selecionadas de URL's para que os estudantes possam surfar em busca de informações em um domínio de "sites" testados e aprovados. Para auxiliar os estudantes a determinar por si próprios os "Web sites" úteis, uma professora encoraja seus alunos a perguntar-se quatro questões fundamentais: Quem elaborou este "site"? O que estão dizendo sobre este "site"? Quando o "site" foi criado? De onde vem o "site"?

O segundo maior desafio é o de continuar a expandir a disponibilidade das novas tecnologias ao abordar as disparidades do acesso. Os especialistas cunharam a expressão "divisor digital" para descrever os que têm e os que não têm acesso digital. Um estudo estimou que, nas escolas com os estudantes mais pobres (em termos de situação econômica familiar), a razão entre estudantes e computadores era de 16 para 1, muito mais alta que

a média nacional. Nos lares, as disparidades são ainda maiores. Os lares com renda de mais de US\$ 75.000 tinham mais de nove vezes mais probabilidades de possuir um computador pessoal e 20 vezes mais probabilidade de ter acesso à Internet que os lares de baixa renda, de acordo com o Escritório do Censo Norte-Americano.

Uma iniciativa voltada à redução das diferenças é o programa de avaliação eletrônica, iniciado há três anos. Administrado pela Comissão Federal de Comunicações dos Estados Unidos, o programa oferece descontos (que variam de 20 a 90%) às escolas e bibliotecas por tecnologia e serviços de telecomunicações. Em 1999, 82% das escolas públicas da nação e mais de 50% das bibliotecas públicas receberam serviços com descontos com base no programa. O Congresso norte-americano aprovou US\$ 2,25 bilhões para financiamento para o período de doze meses que se encerra em junho de 2000. "Parcialmente devido à avaliação eletrônica, estamos agora em pleno caminho do fechamento do divisor digital em nossas escolas", afirmou o secretário de Educação dos Estados Unidos, Richard W. Riley, no início do ano.

Com toda a ênfase nos estudantes, também os educadores necessitam de apoio: treinamento de participação ativa e alívio de algumas das dores de cabeça que impedem a instrução.

O critério convencional (a suposição geral) é de que os professores são relutantes ao experimentar novas tecnologias. Larry Cuban, professor de educação da Universidade Stanford na Califórnia, discorda. Ele conduziu pesquisas sobre a forma com que os professores utilizam a tecnologia e concluiu que os professores usam computadores freqüentemente, mas muito mais vezes em casa que na escola. Eles às vezes são relutantes para conduzir aulas utilizando computadores porque, quando ocorrem problemas técnicos (servidores que não operam, páginas Web que congelam, senhas que não funcionam), estes podem distrair os estudantes e prejudicar a aula. "Não se pode esperar que um professor dê uma inesperada lição B quando a lição A, que depende do computador, não funciona", afirma Cuban. "É por isso que os professores continuam a utilizar o livro de textos, o projetor de transparências e o giz. Eles são confiáveis. Eles são flexíveis."

---

O treinamento de professores em tecnologias educacionais começou basicamente com os fundamentos há duas décadas. Desde aquela época, foram obtidos ganhos modestos. A maior parte dos professores que participaram da recente pesquisa da Semana da Educação relatou receber treinamento sobre conhecimentos básicos de tecnologia e a integração da tecnologia no currículo escolar. Dentre os professores que receberam esse tipo de treinamento, 54% afirmaram que se sentiam "um pouco melhor preparados" e outros 37% relataram estarem "muito melhor preparados" que no ano anterior.

Comparados com uma ou duas décadas atrás, os distritos escolares e os departamentos de educação estaduais estão colocando ênfase muito mais forte sobre o fornecimento de treinamento e assistência aos professores em como incorporar tecnologias no seu currículo escolar. E virtualmente todos os principais programas baseados na Web incorporam um forte elemento de treinamento de professores.

Quando saberemos o grau de influência que essas novas tecnologias estão tendo no modelamento de novas formas de ensino e aprendizado? Talvez o sinal mais informativo se dará quando forem tão onipresentes e integradas que se tornem quase transparentes; quando os estudantes e professores utilizarem essas ferramentas rotineiramente para melhorar seu trabalho. Afinal, tudo, desde quadros negros até ônibus escolares amarelos, foi considerado "tecnologia" nos seus primórdios, mas gradualmente tornaram-se parte da fábrica da educação. Os próprios estudantes estão dispostos a forçar a mudança. Como afirma Don Tapscott, "eles são diferentes de qualquer geração antes deles. Eles são os primeiros a crescer envoltos pelos meios digitais. Os computadores estão em todos os lugares (em casa, na escola, nas fábricas e escritórios), bem como as tecnologias digitais (câmeras, vídeo games e CD-ROM's). Os estudantes de hoje são tão embebidos em bits que eles acham que a tecnologia é parte do cenário natural."

---

*John O'Neil é editor colaborador da revista "Educational Leadership", com sede em Alexandria, na Virgínia.*

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo norte-americano.



**E**ntre na Escola Elementar Judith A. Resnik, um extenso centro de um andar em um lote plano em Gaithersburg, Maryland, no Condado de Montgomery, a cerca de 32 km ao norte de Washington, D. C., e você será imediatamente atingido por palavras (palavras significativas) sobre um tapete que ostenta o emblema da escola construída há nove anos. Confiabilidade. Respeito. Responsabilidade. Integridade. Proteção. Cidadania.

Quase imediatamente, o visitante chega a um cruzamento de dois corredores, um denominado Avenida da Ajuda aos Demais e o outro, Rua do Direito. No alto, lê-se em um poster "O Caráter Conta". Englobando 700 jovens do pré-escolar até a quinta série, pareceria ser uma instituição típica, exceto pelo fato de cerca de um quarto da sua população estudantil exigir serviços especiais de alguma espécie, ou seja, que eles possuem necessidades de aprendizado especial ou deficiências ortopédicas ou neurológicas. Na entrevista a seguir, o seu diretor, Dr. Roy Settles, cuja perspectiva e filosofia foram moldadas pela sua história pessoal, explica por que a escola é única, de um lado, e, de outro lado, espelha as tendências e questões atuais das escolas primárias e secundárias em todo o território norte-americano.

**P:** Qual é o seu sentimento da diferença na educação atual dos Estados Unidos, em oposição a uma década atrás ou mais?

**Settles:** Primeiramente, a sociedade atual é diferente. A dinâmica é diferente. Estamos buscando a urbanização de uma escola suburbana. Temos muitas características das escolas urbanas. Nossos filhos são expostos a muito mais hoje em dia. Os incentivos das comunicações bombardeiam nossos estudantes; eles nascem para comunicar-se rapidamente, obtendo as informações que rapidamente vêm em sua direção. Por isso, estão crescendo muito mais conscientes. Muito tempo atrás, você era muito mais confiante com respeito ao que obtinha em casa, o que o professor informava, o que você pode haver conseguido da televisão. Atualmente, as crianças podem conseguir informações de qualquer lugar muito rapidamente. Isso é uma contribuição. O transporte é tal que o povo pode sair rapidamente de um extremo da cidade para outro. Estamos vivendo em uma cultura diferente. As comunicações são fortalecidas. As pessoas são mais móveis. O desenvolvimento está ocorrendo. Portanto, as escolas estão refletindo agora diretamente esta dinâmica colaboradora. Quando cheguei ao Condado de Montgomery em 1979, havia predominantemente estudantes caucasianos, estudantes negros e uma pequena quantidade de hispânicos e asiáticos. Agora, olhando para esta escola com as casas construídas em volta dela, vemos diversidade de várias formas.

**P:** Conte sobre a composição étnico/racial.

**R:** Quarenta e dois por cento são caucasianos, 22% são afro-americanos, quase o mesmo percentual é de hispânicos e os restantes, cerca de 15%, são asiáticos. Mas vamos analisar a diversidade de outra forma, sobre como o programa institucional destina-se a atender às necessidades das crianças de diversas experiências e antecedentes. Estamos falando sobre poder ensinar todas as crianças, considerando suas formas de aprendizado, seus diferentes níveis de inteligência, seus antecedentes e experiências. Tudo isso vem primeiro. Temos que nos equipar, na cultura de hoje, para ter nosso programa instrutivo encorajador, motivador e apropriado, com clareza e atualidade. Em seguida, agregamos a ele pontos culturais, para que as crianças se reconheçam no currículo escolar. O que eu chamo de "culturalizar o currículo escolar" necessita ocorrer de forma real e natural.

**P:** Seu interesse com relação à diversidade estende-se também aos funcionários, eu imagino.

**R:** Bem, não diretamente proporcional ao corpo estudantil. Mas tenha em mente que esta escola foi filosófica e estruturalmente projetada para ter um programa de educação regular e também para estudantes com preocupações neurológicas e/ou ortopédicas. Por isso, isto é uma parte de como ela surgiu. É por este motivo que nossos corredores são amplos, nosso espaço de escritórios é amplo, os banheiros possuem espaço para acomodação, as portas abrem-se automaticamente. Temos um andar. Nesta escola, temos estudantes que são capazes de andar, outros que usam andadores, outros que se movimentam em cadeiras de rodas, outros que podem necessitar de certos tipos de acomodações ou adaptações com relação aos programas educacionais: carteiras ou equipamento especial de processamento de texto, ajuda de funcionários para a escrita. Recebemos os funcionários e recursos financeiros para lidar com tudo isso. No programa neurológico/ortopédico, estamos falando de cerca de trinta crianças. Mas existe grande número de "crianças de recursos" com deficiências de aprendizado ou preocupações emocionais, que formam um aspecto adicional da nossa programação. Temos uma profissional que usa cadeira de rodas e, para permitir que ela desempenhe sua função profissional da forma como

que gostaria, o sistema fornece a ela um assistente de ensino que ajuda em algumas de suas necessidades físicas.

**P:** Parece que saímos da corrente geral (de trazer as crianças para as escolas regulares mas colocá-las em classes especiais) para a inclusão (torná-las parte integrante da sala de aula regular) como filosofia para necessidades especiais. É este o caso típico?

**R:** Bem, estamos realmente examinando o que chamamos o "ambiente menos restritivo", ou LRE, como o denominamos neste país. Isto significa que desejamos dar aos estudantes os tipos de apoio de que eles necessitam para serem bem sucedidos. Isso poderia significar, por exemplo, que uma criança em cadeira de rodas pode estar na sala de aula regular por todo o dia, com alguém vindo como consultor para colaborar com o professor regular. Nesta escola, como em outras, é comum que as crianças com diversas capacidades sejam incluídas no formato da educação regular. Isto representa uma ampla mudança da educação ao longo das últimas duas décadas.

**P:** Vamos falar um pouco sobre a educação bilingüe. Antigamente, um século atrás, durante as primeiras ondas de imigração, era "matar ou morrer" para os recém-chegados. O que está acontecendo hoje, em termos de alcançar esta geração de imigrantes?

**R:** Temos um maior fluxo de entrada de estudantes hispânicos e asiáticos chegando com diversos níveis de conhecimento de inglês. Na semana passada, aceitamos uma criança asiático-americana que não sabia inglês. Com mais desses acontecimentos, as escolas necessitam fazer diversas coisas ao mesmo tempo. Primeiramente, elas devem treinar os pais. Este não era o caso anos atrás. Temos que reunir os pais, ensiná-los o que fazer em casa, como cuidar da lição de casa, quais tipos de questões devem perguntar. Explicamos a eles o básico, como o que é uma ficha de relatório, como é composto; coisas que tomaríamos por certas no passado. Também temos que obter agora o máximo de recursos possível de diversos aspectos das nossas comunidades. Temos que incluir os pais, o mundo empresarial e as agências sociais para ajudar-nos; ensinar as crianças após a escola e durante o verão para proporcionar-lhes tipos experimentais de atividades de aprendizado.

**P:** Existem muitas evidências de que, apesar do crescimento dos lares em que ambos os pais possuem suas próprias carreiras profissionais, o envolvimento deles nas escolas e na educação dos seus filhos está se expandindo. Qual é o grau desse envolvimento na sua escola e como fomentá-lo?

**R:** A dinâmica da sociedade atual é tal que os pais necessitam ser incluídos em algumas das atividades de administração sediadas nas escolas em que não eram incluídos anteriormente. Minha antiga escola, por exemplo, era administrada no local, com os pais, profissionais e administradores sentando-se realmente juntos para a tomada de decisões sobre o currículo escolar, funcionários, como o dinheiro estava sendo gasto. Este é um exemplo. Os conselhos de administração de qualidade foram introduzidos nas escolas dos condados, em que os pais, profissionais e administradores colaboram formalmente na administração das escolas.

**P:** Agindo como advogado do diabo, a educação norte-americana floresceu por cerca de dois séculos sem que os pais se envolvessem intimamente na tomada de decisões significativas nas escolas dos seus filhos. Por que isso agora é necessário?

**R:** Atualmente, os pais são muito mais instruídos e conscientes de muitos aspectos do processo educacional que anos atrás. Quanto a educar os pais, fazemos um esforço extra para proporcionar informações para eles: apostilas, fitas de vídeo. É comum que os sistemas escolares estejam fazendo um trabalho muito melhor de informar e educar os pais. Este é um grupo que compreende quais são as necessidades e exigências, qual é a filosofia. Eles vêm às reuniões cientes de coisas que não conheciam anteriormente. Necessitamos, portanto, que eles se envolvam mais. Devido à dinâmica da nossa sociedade, não podemos mais fazê-lo sozinhos. Existem exigências demais. Temos que educar formalmente. Temos que ser conselheiros, que lidar com crianças que estão tendo problemas em casa ou preocupações com a saúde. Temos que dar nossas mãos aos pais e com as organizações comunitárias, para colaborar para o bem estar das crianças.

**P:** Dê-me um exemplo dessa colaboração.

**R:** Estabeleci "lanches com o diretor". Em meu boletim bimestral para os pais, solicito ser convidado para a casa de algum deles à noite. Uma vez por

mês, um pai apresenta-se como voluntário para ser o anfitrião e divulgamos o evento. Os pais comparecem àquela casa. Dou início à noite dizendo que estou disponível para uma discussão aberta e honesta das preocupações que eles têm sobre aspectos da vida escolar. Os pais, de maneira acessível e francamente honesta, comunicam o que têm em mente. Tomo notas e as trago para as reuniões mensais do nosso conselho consultor (que inclui pais) e discutimos essas preocupações. Portanto, temos essa conexão. Acho que visitar as casas simboliza o esforço de alcance externo. Você precisa incluí-los no processo de tomada de decisões, mas também sair em busca deles.

**P:** Seus funcionários também podem ser descritos como diferentes entre si.

**R:** Sim, temos funcionários hispânicos e asiáticos e uma indiana. É fundamental para a auto-estima dos estudantes observar funcionários, em funções de liderança, que sejam como eles. Também acho que é importante que os estudantes em nossas escolas mais homogêneas encontrem funcionários de etnias variadas, da mesma forma que é importante que eles incluam no currículo escolar aspectos que abordem as diversas culturas. É imperativo possuir funcionários que reflitam a população estudantil, ainda que um bom professor deva relacionar-se com qualquer aluno.

**P:** Entendo que você lidou com a etnia entre os próprios profissionais.

**R:** Há vários anos, venho ministrando um curso sobre raízes étnicas na sociedade norte-americana, um curso de serviço necessário para todos os profissionais novos nas escolas do Condado de Montgomery. Explico como ensinar a crianças em um ambiente multicultural e como conviver com companheiros de trabalho de diferentes origens. É imperativo que os funcionários conheçam diversos feriados e celebrações e como conduzir-se em outras ocasiões. Por exemplo, o que se deve trazer a uma casa no "shiva" (o luto judeu)? Temos o orgulho de sermos sensíveis a algumas das idiossincrasias de diversas culturas deste condado.

**P:** É óbvio, a partir de tantos indicadores visíveis para todos os que entram no prédio, que o sr. acredita no estabelecimento de traços de caráter nas pessoas ao começar na idade mais precoce possível.

**R:** Sim, é claro. Todos nós contribuimos para a

construção do caráter das nossas crianças e a escola tem que fazer a sua parte. E os pais concordam com isso (quando no passado acreditavam que este era unicamente seu papel). Nosso conselho consultor (que também inclui pais) examina como e o que damos às nossas crianças. Isso evita os conflitos de papéis. É um ótimo exemplo de como é fundamental a tomada de decisões colaborativa ou participativa. Incluímos o caráter no currículo escolar. As crianças lêem sobre isso, escrevem e falam sobre isso. O teste é como elas se saem quando não estão perto de você; quando elas estão no parque de diversões e há um conflito. Farão elas uso do que ensinamos?

**P:** Em abril de 2000, uma pesquisa do USA Today/CNN concluiu que, apesar de alguns incidentes de violência que ocorreram nas escolas de diferentes partes dos Estados Unidos nos últimos anos, 68% dos pesquisados acreditavam que as escolas dos seus filhos haviam agido corretamente para manter a segurança dos seus estudantes. Considerando a sua escola em debate, explique o que é feito para manter o ambiente mais seguro possível.

**R:** Primeiramente, a segurança é nossa prioridade número um e isso é comunicado muito claramente aos estudantes, pais e funcionários. Todos os anos, em nossa noite de retorno à escola, coloco-me à frente da sala cheia e lhes digo isso. Se as crianças estiverem física e psicologicamente seguras, elas estarão dispostas para o aprendizado. Se os nossos funcionários estiverem física e psicologicamente seguros, eles poderão ensinar o dia todo, e é para isso que eles estão aqui. E os pais podem repousar e relaxar em casa ou no seu trabalho, ao saberem que as crianças estão seguras. Mas, após afirmar isso, estamos falando de fazer tudo o que é prudente e razoável para assegurar, ao máximo da nossa capacidade, que realmente todos estejam seguros. Existem práticas com as quais somos inflexíveis. Ninguém pode entrar no prédio sem passar diretamente pela secretaria, assinar um formulário e obter um adesivo de visitante. Os voluntários usam distintivos para isso. As crianças sabem que não podem pôr o pé fora da sala de aula sem ter um cartão nas mãos. Sou rígido quanto a isso. Os funcionários e as crianças foram ensinados a notificar a secretaria imediatamente caso vejam alguém sem distintivo ou adesivo no nosso edifício ou nos nossos

jardins. As crianças estão alertas e participam rapidamente. Nossos funcionários de serviços do prédio, como parte das suas funções, policiam os jardins. Isso nos fornece olhos adicionais. Portanto, o que me faz ficar mais tranquilo (já que se trata de uma grande escola elementar, em grande parte em espaço aberto) é que sei que todos sabem o que se espera em termos de segurança e proteção.

**P:** Considerando o que o sr. viu e leu, o que os seus colegas e companheiros estão dizendo, qual é a sua impressão final do sistema de escolas públicas nos Estados Unidos, visto da linha de frente?

**R:** Acho que estamos nos concentrando muito deliberadamente na qualidade da nossa instrução. Sinto que estamos melhorando; que as crianças estão, por exemplo, aprendendo a ler bem, de forma abrangente, e estamos melhorando nossa capacidade com relação ao número de alunos. E estamos atraindo 90% das crianças dos Estados Unidos. Eu próprio freqüentei a escola particular e enviei meus filhos a escolas particulares algumas vezes, mas trouxe-os de volta à educação pública. Queremos desesperadamente atender o desafio. Sinto-me confiante em relação aos nossos esforços de responsabilidade que precisamos ter desenvolvidos. Temos que mostrar à comunidade como estamos progredindo, por isso aprecio esses esforços. Concluímos também que é absolutamente essencial dedicar parcela apropriada do nosso orçamento à renovação cíclica e contínua do treinamento nas escolas e como condado. Eu precisei freqüentar um curso este ano sobre a observação e análise do ensino – fascinante! – para que eu pudesse equipar-me melhor para o que faço. Assim acredito que estamos nos elevando em direção ao desafio.

**P:** Suas raízes são importantes para os objetivos que o sr. estabeleceu para si, não são?

**R:** Sim, são. Nasci em Little Rock, no Arkansas. Minha família viveu perto da Central High School [local de um dos capítulos tensos da história do fim da segregação da educação pública ordenada pela justiça nas décadas de 1950 e 1960]. É parte da minha memória coletiva e me dá orgulho de até onde chegamos neste país como sociedade. □

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos





*Enquanto prossegue o debate nacional nos Estados Unidos sobre exatamente o quê as escolas devem executar e como isso pode ser alcançado, esforços populares criaram novas e criativas idéias em termos de programas, escolas e políticas. Elas refletem estudos consideráveis da parte de indivíduos com relação aos tipos de escolas que as crianças devem freqüentar, ao uso da tecnologia e à própria natureza da sala de aula. A seguir encontram-se alguns exemplos da efervescente atividade sendo conduzida em todo o território norte-americano.*

*Uma Ponte "Contínua" para a Educação Superior*

A Escola Técnica Licenciada de Greenville (GTCHS), localizada no campus da Faculdade Técnica de Greenville, na Carolina do Sul, foi a 30ª escola secundária de "faculdade de nível médio" da nação quando da sua abertura, no outono de 1999. De acordo com o diretor David Church, a escola licenciada proporciona uma nova visão da educação secundária, à medida que busca expandir a educação técnica, oferecendo uma ponte "contínua" da escola secundária para a faculdade. Ele ressalta que o relacionamento entre a faculdade comunitária

e a GTCHS permite o compartilhamento de recursos, o que dá aos estudantes acesso aos laboratórios da Faculdade Técnica de Greenville e equipamento de última geração. Trabalhando com o comércio e a indústria local, a escola licenciada pôde moldar seus programas para refletir o que as empresas estão buscando nos funcionários. Ainda na escola secundária, os estudantes podem freqüentar cursos da faculdade comunitária e ganhar créditos por isso. Church espera ter mais de 150 estudantes freqüentando cursos de nível superior em futuro próximo.

*Museu Escola Oferece Experiência do Mundo Real*

Imagine uma escola pública onde os estudantes têm acesso aos recursos de um ótimo museu e centro científico. Este é o caso da Academia Henry Ford de Artes e Ciências da Fabricação, uma escola pública licenciada de segundo grau localizada nas instalações do Museu Henry Ford e Greenfield Village em Dearborn, no Michigan. A popular escola de quatro anos foi fundada pela Ford Motor Company e o museu em 1997, sendo licenciada pelo Condado de Wayne. Os estudantes são selecionados através de um simples sorteio no condado, o que resulta em um corpo discente diversificado. O currículo escolar, desenvolvido em consultas com especialistas sobre padrões de currículos nacionais e estaduais, incluindo os padrões da educação sobre fabricação

avançada, destina-se a ajudar os estudantes a observar aplicações dos seus estudos no mundo real, com os estudantes utilizando o museu para análise, inspiração e associação. Os objetivos da escola concentram-se no fornecimento de experiências educacionais que preparem os adolescentes para um mundo em que eles estão aprendendo constantemente e aplicando novos conhecimentos, técnicas e atitudes.

#### O Movimento Escolar Empresarial se Fortalece

A Escola "Atraente" Interdistrital Wintergreen em Hamden, Connecticut, uma escola com cursos do jardim da infância até a oitava série mantida pela Edison Schools Inc., é uma instituição com fins lucrativos que exibe exuberante acompanhamento entre seus estudantes, pais e professores. Hoje existem mais de mil estudantes na lista de espera de Wintergreen. Como as demais escolas da Edison, Wintergreen concentra-se em inculcar orgulho e disciplina nos seus estudantes e fornecer-lhes computadores e mais instrução que a escola pública típica. Atualmente, existem apenas cerca de 250 escolas públicas com fins lucrativos nos Estados Unidos. Elas estão se popularizando rapidamente, mas enfrentam desafios assustadores ao tentarem operar escolas comercialmente para conselhos escolares locais ou organizações independentes de licenciamento, utilizando os mesmos fundos públicos rotineiramente alocados para as escolas públicas. O fundador e principal executivo da Edison, Chris Whittle, está apostando o futuro da sua companhia na sua capacidade de reduzir profundamente os custos administrativos, fornecendo ensino de alta qualidade.

#### Conceito de Escolas "Atraentes" Comprova ser Vitorioso em Ciências

Seis veteranos da Escola Secundária Montgomery Blair (Silver Spring, Maryland) estiveram recentemente entre os 40 finalistas da prestigiada Busca de Talentos de Ciência Internacional, uma conquista acadêmica notável para a escola "atraente" de matemática e ciência do Condado de Montgomery, que foi criada em 1985 para promover o fim da segregação. A escola dos subúrbios de Washington enviou mais de mil graduados para as principais universidades do país. A admissão é

baseada em testes que avaliam o raciocínio matemático, expressão verbal e análise crítica, juntamente com uma declaração de motivos do solicitante. A concorrência é acirrada: para o ano escolar de 1999, houve mais de 800 solicitantes, mas apenas cem vagas.

#### Liberdade da Cidade de Nova Iorque Atende às Necessidades Alfabetizantes e Lingüísticas dos Imigrantes

A juventude imigrante que teve oportunidades limitadas de alfabetização e educação nos seus países nativos enfrenta grandes desafios ao ocupar seus lugares nas escolas norte-americanas e, às vezes, os programas "Inglês como Segundo Idioma" não são suficientes para preencher a lacuna. O objetivo da Escola de Segundo Grau Liberdade da Cidade de Nova Iorque é o de auxiliar esses estudantes. Trata-se de uma escola limitada à nona série, que normalmente inclui estudantes com idades de 14 ou 15 anos. Cerca de dois terços dos estudantes da Liberdade têm 17 anos ou mais e um quinto deles tem 19 anos ou mais. Uma classe, por exemplo, possui estudantes do Panamá, Haiti, Iêmen, China, Vietnã e Serra Leoa. A Liberdade oferece três programas de alfabetização: em inglês, espanhol e chinês. A fase final do programa concentra-se na preparação dos adolescentes para a transição para a escola regular de segundo grau, para poderem ter as mesmas chances de sucesso de qualquer dos seus parceiros.

#### O Orgulho dos Estudantes da Nona Série: Uma Escola Somente para Eles

Em alguns distritos escolares, os estudantes da nona série são parte do segundo grau, em outros parte da escola secundária, mas em Alexandria, na Virgínia, os estudantes da nona série têm uma escola própria. Em 1993, enfrentando superpopulação nas suas escolas, o sistema escolar de Alexandria iniciou uma grande e nova experiência, convertendo o edifício administrativo em um centro colorido e receptivo para os seus estudantes da nona série. Para surpresa de muitos, a Escola Minnie Howard tornou-se um ressonante sucesso e os pais e professores dão à sua diretora, Margaret May Walsh, grande parte do crédito. Nomeada diretora do ano em Virgínia pela Associação Nacional de Diretores de Escolas

Secundárias em 1998, Walsh oferece forte liderança, compreensão e empatia aos seus estudantes. Os estudantes são divididos em seis equipes e encorajados a considerarem-se parte da escola secundária local, que eles freqüentarão desde a décima até a 12ª série. Os estudantes relatam que estão aprendendo a defender-se de verdade; uma técnica que lhes será muito útil quando se mudarem para o segundo grau. O percentual de estudantes que freqüenta cursos para alunos avançados aumentou de 20 para 35%, afirma Walsh, e ela quer que aumente ainda mais.

#### Grupos Escolares de Nível Médio Aproximam mais os Estudantes

Embora a segmentação das escolas em unidades menores (muitas vezes denominadas grupos escolares) não seja a forma tradicional de organização das escolas de nível médio, o projeto de escolas dentro da escola pode proporcionar mudança gradual à medida que as crianças movem-se do ambiente protegido de uma pequena escola elementar para o ambiente muito maior e mais aberto da escola de nível médio. A Escola de Nível Médio de Creekland, a maior escola de nível médio do Condado de Gwinnett, na Geórgia, com mais de 3.100 estudantes, foi projetada de acordo com o modelo de escolas dentro da escola, de forma que seus estudantes tiram proveito dos benefícios de um menor ambiente escolar. A escola é dividida em cinco comunidades, cada qual com seu próprio diretor-assistente, conselho escolar e secretário. O interesse pelo modelo adotado em Creekland cresceu, em resposta aos recentes incidentes de violência escolar nos Estados Unidos, com a esperança de que, se os estudantes e professores se conhecerem bem, pode-se detectar os problemas antes que eles se tornem uma tragédia.

#### O Ensino Doméstico Extrapola o Lar

Em 1983, em Wichita, Kansas, cerca de 50 famílias estavam educando seus filhos em casa, a maior parte delas por motivos religiosos ou outros motivos pessoais. Mas hoje, com a legalidade do ensino doméstico estabelecida pelos tribunais norte-americanos nos últimos anos, cada vez mais famílias tradicionais da escola pública estão adotando o ensino doméstico. Em 1998, havia mais de 1.500

famílias adotando o ensino doméstico em Wichita e o movimento da escola doméstica da cidade literalmente extrapolou o lar, à medida que os estudantes formavam equipes atléticas, bandas, um coral e um time de boliche, bem como diversas classes acadêmicas em grupo. Enquanto o movimento da escola doméstica se expande, as pesquisas demonstram que a maior parte das crianças educadas em casa têm boas notas em testes padrão, são bem ajustadas e bem sucedidas na faculdade.

#### Muçulmanos Encontram Paraísos para a Identidade Religiosa e Cultural

Nos primeiros dias da América colonial, os movimentos religiosos que vieram para o continente em busca de liberdade da opressão religiosa estabeleceram escolas para os seus membros. As escolas religiosas continuam a florescer cerca de quatro séculos mais tarde. Além das instituições cristãs e judaicas que existem há um século ou mais, por exemplo, o número de escolas islâmicas de tempo integral em operação nos Estados Unidos cresceu, ao longo da última década, de 49 para cerca de 200, a maior parte delas cobrindo desde o jardim da infância até a oitava série. Atualmente, Detroit, no Michigan, que possui considerável população muçulmana desde os anos 1920, ostenta nove escolas islâmicas particulares de tempo integral. Dentre elas, encontram-se a Academia de Treinamento Al-Ikhlâs, uma escola pré-jardim da infância à 12ª série, de 190 alunos fundada por muçulmanos afro-americanos em 1991; e a Academia Crescente, uma escola pré-jardim da infância à 8ª série de 150 alunos fundada no mesmo ano, cujos estudantes são em grande parte filhos de imigrantes do Oriente Médio e Sul da Ásia de alta formação, nascidos nos Estados Unidos. Embora os recursos financeiros das escolas sofram grandes variações, cada qual ensina um currículo básico recomendado pelo Estado, além dos cursos de estudos islâmicos e árabe.

#### Escola Rural Tem Sucesso ao Adotar Padrões Firmes e Responsabilidade

Pleasant Grove Elementary, distrito público de escola única em uma área rural perto de Sacramento, na Califórnia, lutava com a queda das

matrículas há cerca de seis anos. Naquela época, o conselho escolar contratou Jeff Holland, um diretor que buscou agressivamente a ênfase do Estado sobre padrões firmes e responsabilidade. Tomando a liderança da instrução com base em padrões, Pleasant Grove atingiu uma das mais altas notas de teste da região. Atualmente, cada série segue um conjunto explícito de padrões que informa exatamente o que os estudantes devem aprender em cada matéria. Os professores recebem treinamento extensivo em instrução com base em padrões. Devido ao seu sucesso com os padrões e ao seu pequeno ambiente educacional, cada vez mais pais estão transferindo seus filhos para Pleasant Grove. Pela primeira vez na sua história, a escola possui lista de espera.

#### Escolas da Internet Agregam Nova Dimensão ao Ensino Doméstico

À medida que os estudantes do ensino doméstico crescem e suas necessidades tornam-se mais variadas, os pais vêm se voltando para uma nova espécie de cursos "on-line" para aprimorar o ensino doméstico. Essas escolas "on-line" estão permitindo aos pais o fornecimento de educação padronizada e reconhecida aos seus filhos, enquanto permanecem nas suas próprias casas. "Esta é uma das novas formas de conduzir seu ensino doméstico, em que os pais não são os únicos professores", afirma Janet Hale, que fundou a Ciberescola Willoway, privada, em 1994. Os 24 estudantes da Willoway cursam um currículo escolar completo pela Internet por US\$ 2.250,00 por ano. As escolas "on-line" podem também proporcionar benefícios para as crianças com necessidades especiais que podem considerar as escolas tradicionais difíceis de navegar.

#### Virando uma Nova Página na Educação "On-Line"

A Academia Daniel Jenkins, uma escola pública pioneira no Condado de Polk, na Flórida, terá o número de estudantes que puder aceitar quando abrir suas portas no outono de 2000. Os estudantes farão seus registros para aulas "on-line" através da Escola de Segundo Grau estadual da Flórida, que atuará como subcontratante da nova escola e fornecerá todos os cursos acadêmicos e professores "on-line". Jenkins não terá professores em sala de aula. Em seu lugar, auxiliares escolares,

conselheiros, professores de recursos e uma equipe técnica orientarão os estudantes em todo o currículo escolar. Professores "on-line" em tempo integral em lares de toda a Flórida fornecerão instrução, atribuições e notas. O USA Today planeja monitorar de perto a escola e relatar seu progresso em uma série de artigos.

#### O Ensino de Técnicas de Vida a Estudantes Elementares

Mais de 25 anos atrás, como conseqüência de algumas experiências ao lecionar em escolas públicas, Jon Oliver concebeu um programa de instrução a estudantes jovens (nas classes primárias) sobre o controle da sua raiva e possivelmente impulsos violentos. Ele postulou que, aprendendo o auto-controle em idade precoce, as crianças poderiam lidar de forma mais efetiva com esses impulsos raivosos quando adolescentes ou adultos. O programa, "Técnicas de Vida", tornou-se parte da Fundação Lição Nº 1, com sede em Boston e sem fins lucrativos, estabelecida por ele, que agora atende escolas elementares em todo o território norte-americano. Ela é particularmente apropriada a uma época em que as preocupações com a segurança nas escolas norte-americanas são amplamente discutidas. O programa ensina às crianças mais novas como integrar as técnicas de autocontrole, autoconfiança, responsabilidade e conseqüências, análise e solução de problemas, bem como a cooperação às suas vidas.

#### Como Ensinar aos Professores o Domínio da Tecnologia

Marlboro College, uma pequena escola no sul de Vermont, abriu um novo centro de graduação em 1998 que oferece aos professores o grau de Mestre em Artes no "ensino com as tecnologias da Internet". O programa, que permite aos estudantes fazer grande parte do trabalho "on-line", destina-se a auxiliar os professores a navegar pelo mundo em rápido crescimento do ciberespaço, de forma que possam trazer efetivamente este conhecimento para as escolas, tornando os professores mestres da tecnologia e fornecendo-lhes os instrumentos para integrar de forma eficiente a tecnologia na sala de aula. Alguns consideram programas como o de Marlboro a resposta à "síndrome do casaco branco"

---

comum nas escolas atualmente (onde existe somente um especialista designado para integrar a tecnologia em toda a instituição, e não de forma suficientemente próxima para atender à demanda.

*Pais como Parceiros Fazem a Diferença nas Escolas Urbanas*

East Cleveland, em Ohio, é uma comunidade predominantemente negra em que a maior parte dos estudantes vem de lares de pais solteiros e quase a metade vive abaixo da linha da pobreza. Entre o outono de 1993 e o outono de 1996, as escolas públicas de East Cleveland e a Universidade Estadual de Cleveland conduziram um projeto denominado FAST (Famílias são Estudantes e Professores). Enquanto os estudantes mantinham-se com os mesmos professores por três anos, os pais monitoravam as atribuições de classe; engajavam-se em programas de enriquecimento de verão com seus filhos; e tomavam parte de oficinas mensais para ensinar aos pais como reforçar a instrução em casa, desenvolver um ambiente doméstico que facilitasse o aproveitamento e melhorar suas técnicas básicas de criação de filhos. Os primeiros resultados do programa foram impressionantes, com os estudantes participantes do programa demonstrando considerável aproveitamento em leitura, idioma e matemática.

# SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

VOLUME 5 - PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA - NÚMERO 2

## EDUCAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS:

### OS ANOS PRÉ-UNIVERSITÁRIOS



— JUNHO DE 2000 —